



ALAVOURA

SUMMARIO:

- Um valioso serviço a mais
 O Financiamento da Laranja
 As condições Técnicas da Laranja Brasileira no Mercado de Londres
 A decadência da Cultura da Banana na Baixada Fluminense
 Excesso de Leite..... Otto Frensel
 A Póda das Arvores D. Alda P. da Fonseca
 A Questão do Leite R. de Freitas Lima
 Industria Extractiva do Ouro
 A Distribuição de Vespas de Uganda no Estado de São Paulo
 Jardim Botânico
 A Vinha e o Clima do Brasil
 Pre-refrigeração e Transporte Frigorífico de Laranjas
 Credito Agrícola Luis Amaral
 As Semanaes da Sociedade Nacional de Agricultura

Este numero contem 44 paginas

Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
 e da Confederação Rural Brasileira
 ANNO XXXIX
 MARÇO-1935

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

Presidente honorario

Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

Presidente — Ildefonso Simões Lopes

1.º Vice-Presidente — Arthur Torres Filho

2.º Vice-Presidente — Edgard Teixeira Leite

3.º Vice-Presidente — Fabio de Azevedo Sodré

1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara

2.º Secretario — Luiz Simões Lopes

3.º Secretario — Altino de Azevedo Sodré

4.º Secr. — Americo de Pinho de Leonardo Pereira

1.º Thesoureiro — Kurt Repsold

2.º Thesoureiro — Domingos de Faria

DIRECTORIA TECHNICA

Frederico Murlinho Braga

Humberto Rod. de Andrade.

Joaq. B. de Moraes Carvalho

José Maria Fernandes

José Sampaio Fernandes

Luiz de Oliveira Mendes

Manoel Paulino Cavalcanti

Otto Frensel

Ottoni Soares de Freitas

Virginio Werneck Campello

CONSELHO SUPERIOR

Alcides de Oliveira Franco

Alvaro Simões Lopes

Antonio F. Manganinos Torres

Archimedes de Lima Camara

Arsène Puttemans

Bemvindo Novaes

Carlos de Souza Duarte

Celso Machado

Conde de São Mamede

Eduardo Claudio da Silva

Eurico Santos

Euvaldo Lodi

Euzebio de Queiroz C. Mattoso Camara

Fidelis Reis

Felix Pacheco

Filogenio Peixoto

Franklin de Almeida

Francisco Leite Alves Costa

F. J. Teixeira Leite.

Hilario Leitão

Humberto Bruno

J. C. Bello Lisboa

João Baptista de Castro

João Gonçalves Pereira Lima

João Mauricio de Medeiros

João Simplicio Alves de Carvalho

Julio Cesar Lutterbach

Julio Eduardo da Silva Araujo

José Eduardo Macedo Soares

José Monteiro Ribeiro Junqueira

José Mattoso Sampaio Corrêa

Landulpho Alves de Almeida

Lauro Passos

M. Paulo Filho

Odilon Braga

Ormeu Junqueira Botelho

Ricardo Machado

Waldomir Barros Magalhães

Wenceslau Braz Pereira Gomes

A L A V O U R A

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. . . . Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Director: Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA — Gerente: ROBERTO DIAS FERREIRA

Redactor Secretario: L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrasado 3\$000

IMPRESSA POR VILLANI & BARBERO - RUA UBALDINO DO AMARAL, 82 - RIO DE JANEIRO

ANNO XXXIX

RIO DE JANEIRO

MARÇO DE 1935

Um valioso serviço a mais

Dentro de poucos mezes terá o Brasil, no Districto Federal, a sua primeira Escola de Horticultura.

O assumpto merece uma referencia especial, porque é um dos mais elevados empreendimentos da Sociedade Nacional de Agricultura, nos ultimos tempos, e a iniciaremos com um ligeiro historico das providencias de que resultará, brevemente, mais esse valioso serviço da instituição á classe agricola do paiz.

Quando assumiu, em 1928, a presidencia da Sociedade o Dr. Ildefonso Simões Lopes, cujos affazeres como director do Banca do Brasil, no momento, o impedem de assistir effectivamente ao cargo de presidente que ainda occupa, o seu principal objectivo foi o de dar ao Horto da Penha feição mais technica e de maior utilidade como organ disseminador de conhecimentos agricolas. Idealizou fundar, para isso, na antiga dependencia, a Escola Pratica de Horticultura Wenceslau Bello. E, da idéa á acção, tomou logo todas as providencias que o caso requeria, e um projecto teve curso nas duas casas do congresso facultando á Sociedade os meios para a sua realização.

Sobrevindo o movimento victorioso de Outubro, houve uma natural interrupção e prejudicado ficou todo o trabalho anterior, que já se encontrava quasi no seu termo.

Graças, porém, á comprehensão exacta que o então Chefe do Governo Provisorio, Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, teve do notavel empreendimento, foi possivel á Sociedade encontrar os meios para a realização da Escola, atravez do decreto N. 20.294, de 12 de Agosto de 1931, pelo qual ficou a instituição autorizada a vender até 15 hectares da área total occupada pelo Horto, para, com o producto, promover a instalação da Escola e a remodelação da antiga "Fazenda Grande".

Em Maio de 1933 obtinha a Sociedade o registro, no Tribunal de Contas, do contracto lavrado com o Ministerio da Agricultura, e no qual se definiam as diversas condições a preencher pela Escola.

Devidamente autorizada em assembléas geraes, a Sociedade realizou a venda prevista da área de 150.000 metros quadrados de terreno, com cujo producto teria de fazer face ás despesas da instalação, sendo, em seguida, approved tambem pelo Ministerio o plano de remodelação e o programma da Escola.

Entre a assignatura do contracto e a venda dos terrenos, houve a perda de um consideravel espaço de tempo, porque occorreu a idéa de fazer installar o Ministerio da Agricultura, no Horto da Penha, a Escola Nacional de Agronomia. Teve logar sobre o assumpto, até, troca de correspondencia mas, motivos que não vêm ao caso impediram a relização daquelle desiderato, e a Sociedade ficou novamente livre, proseguindo com todo o affincio para a terminação de todas as numerosas providencias indispensaveis.

Finalmente, regularizada a venda e aberta a concorrência para as construcções dos edificios da futura Escola, e iniciadas as obras, poderá a Sociedade, dentro de poucos mezes, offerecer ao Brasil um serviço inestimavel, e um exemplo a ser seguido, pois é facto irretorquível que a producção actual, sobretudo no Districto Federal, onde a Escola terá actuação mais directa, deixa muito a desejar em quantidade e qualidade. O seu augmento, e a melhoria dos respectivos methodos dependem, quasi que exclusivamente, da educação do productor.

Será essa a função da Escola.

E' que não passou despercebido á Sociedade que, augmentada e melhorada a producção de generos de facil consumo, como o são os da pequena lavoura, encontraria ella mercado dentro do proprio Districto Federal, que se abastece em outros centros productores, comquanto alcance expressão economica consideravel essa actividade no Municipio, calculada em mais de duzentos mil contos annuaes.

A futura Escola Pratica de Horticultura, que terá por patrono Wenceslau Bello, o grande animador da agricultura brasileira e antigo e saudoso presidente da Sociedade, constará de varias edificações modernamente projectadas, aproveitadas outras já existentes no Horto da Penha, com as adaptações indispensaveis.

O custo dessas obras se elevará a varias centenas de contos de réis, tendo sido desde logo atacados: o edificio principal da Escola, com dois pavimentos, o estabulo modelo, o pavilhão para fabrica de conservas e officinas, as casas da secção de avicultura, a estrumeira, o galpão para deposito de machinas agricolas, a casa dos empregados e o gallinheiro rustico, além de outras menores.

Simultaneamente, está sendo o Horto da Penha remodelado na parte propriamente agricola. Dentre esses serviços merece menção especial a organização da horta, que reunirá aos seus fins didaticos, pois que está sendo executada sob a mais rigorosa technica, o aspecto commercial.

Dado o tempo que medeia entre a idéa da criação da Escola e o inicio da sua realização, é bem de avaliar o grande numero de embaraços que teve a Directoria de vencer, os quaes, entretanto, tiveram o merito de fazer maior a iniciativa, e de realçar a tenacidade com que a Sociedade Nacional de Agricultura, obsecada por um ideal patriotico, despreocupada da sua propria situação de difficuldades, levou avante o grande desideratum — como um relevante serviço a mais a incluir no infindavel acervo com que já conta para o merecido prestigio que desfructa no seio da classe agricola do Brasil.



O Financiamento da Laranja

O Sr. Arthur Torres Filho, representante da Sociedade Nacional de Agricultura no Conselho Federal do Commercio Exterior, fez, na sessão plenaria de 1 de Abril, do mesmo Conselho, a seguinte indicação:

Quando, neste momento, em consequencia dos tratados de commercio a serem assignados, principalmente com a Inglaterra, visamos o incremento da nossa exportação, afigura-se-me opportuno cogitar o Conselho de meios efficientes ao desenvolvimento da nossa exportação de laranjas. Apesar de todo o esforço até agora realizado e da perspectiva altamente promissora aberta ao progresso desse commercio, devemos ter em conta o facto de havermos exportado, no anno passado, 2.631.822 caixas, representando 56.189.240\$000 e que apenas proporcionaram 563.955 libras.

A produção brasileira, comparada com a de outros paizes, dentre elles a Hespanha e os Estados Unidos, é ainda insignificante. Por outro lado, a qualidade de nossas laranjas, as facilidades inegalaveis de que dispomos para a sua cultura, o baixo preço da terra e da mão de obra entre nós, tudo indica que o Brasil está fadado a exercer papel preponderante no mercado mundial de laranjas. O consumo dessa fructa é crescente no mundo inteiro; e, se paizes ha onde a laranja é fructa de luxo, em outros já constitue alimentação das massas proletarias.

Deante do exposto, resalta a necessidade de promovermos um amparo mais efficaz e de maior envergadura ao desenvolvimento da nossa fructicultura, mesmo porque os nossos rivaes se aprestam e nós temos necessidade imperiosa de elevar, numa escala crescente, o volume da nossa exportação, transformando as fructas — e principalmente a laranja — num factor de relevo em nossa balança commercial.

Não viria a pello renovar perante o Conselho as medidas technicas, economicas e commerciaes de defesa que a citricultura nacional está exigindo, objecto que já têm sido de acurados estudos e de multiplas suggestões apresentadas às classes interessadas e à administração publica.

Quero accentuar, hoje, perante o Conselho, o aspecto, para mim importantissimo, do financiamento aos fructicultores e exportadores, principalmente daquelles que se occupam da colheita, embalagem, transporte e compra da laranja para exportação. E' que esse *financiamento* não existe organizado como fôra para desejar e está exigindo, de ha muito, o incremento da citricultura nacional. Bastará dizer que elle existe apenas como auxilio dos exportadores e esses, por sua vez, são auxiliados pelas firmas inglezas importadoras, às quaes se não pôde negar o alto merito de muito haverem concorrido para a expansão que o commercio de laranjas entre nós tem actualmente.

O que occorre com a citricultura é bem uma demonstração da urgencia que ha em cogitarmos do credito agricola em condições que atendam às exigencias das explorações ruraes.

Já sem querer falar nos emprestimos a longo prazo, garantidos por hypotheca, não existem até mesmo os baseados no penhor agricola (previsto no art. 781 e seguintes do Codigo Civil), os descontos de letras de cambio e notas promissorias de lavradores só se fazendo a curto prazo, tudo concorrendo para o lamentavel estado de atraso em materia de financiamento à agricultura; e, no caso da fructicultura, embaraço dos mais serios á sua expansão commercial.

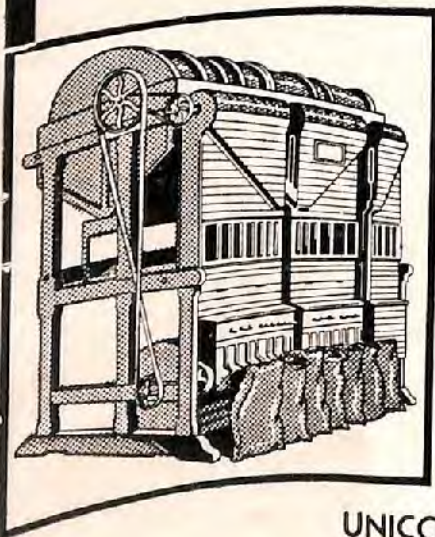
Foi por assim reconhecer, que o Governo Provisorio, pelo Decreto 24.534, de 3 de Julho de 1934, autorizou a Carteira de Redescontos do Banco do Brasil a redescontar letras de cambio ou notas promissorias, cujo accetante ou emittente exercesse actividade na agricultura. O prazo fixado para o vencimento foi de um anno e estabelecido o limite de 100 mil contos para as operações autorizadas nesse Decreto. Medida essa salutar e que bem applicada, viria concorrer para a instituição do verdadeiro credito agricola no paiz.

Sem querer descer ao exame dessa momentosa questão e, tambem, por varias razões não querendo ver, com a urgencia requerida, na formação das cooperativas de credito, a possibilidade de se ir ao encontro do auxilio, de caracter financeiro, exigido pelas condições actuaes de nosso commercio de laranjas, venho solicitar do Conselho, deante do que se passa, a instituição de uma modalidade de financiamento, que atenda á urgencia de impulsionarmos nossa exportação de laranjas, beneficiando, tanto quanto possivel, os citricultores.

Actualmente, os exportadores recebem dos importadores estrangeiros sommas relativamente grandes para a compra e o preparo da fructa a exportar. As importancias recebidas correspondem a determinado numero de caixas de laranjas a serem embarcadas. Como esses contractos são raramente cumpridos, sobrevêm prejuizos geraes—para os ompirtadores que não recebem a quantidade contractada e para os exportadores que, á medida que vão exportando, verificam a necessidade de maior quantidade de fructa para o cumprimento de seus contractos, obrigados que são a novas compras por preços acima dos alcançados nos mercados consumidores. Desse mecanismo, quasi sempre o maior prejudicado é o lavrador que deixa de receber, tambem, as importancias relativas ás fructas vendidas. E' uma engrenagem que carece ser modificada, no seu aspecto de financiamento, se quizermos ter o incremento da nossa citricultura.



(com peneiras officiaes)



E' o unico aparelho que separa de uma só vez e rigorosamente as peneiras officiaes, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 além de trez typos de "moka", sem requerer troca de qualquer peneira.

Cata todos os typos ao mesmo tempo, cada um no seu catador.

UNICOS FABRICANTES

B. PENTEADO S/A

Escriptorio Central - Limeira - E. de S. Paulo - Filial em S. Paulo - Rua Floren-
cio de Abreu, 131-A - Agencia no Rio de Janeiro - Rua da Quitanda, 185

Segundo informação que possuo, digna de fé, no anno passado, a nossa laranja alcançou em media, 5/6 f. o. b. preço esse que seria mais elevado, em beneficio do nosso lavrador, se outra fosse a modalidade de financiamento da nossa produção e exportação citricolas. Ainda de um nosso exportador, de accordo com preços de venda verificados em facturas, uma exportação de 50.749 caixas de laranjas produziram £ 34.271 — 10 — 9.

Media por caixa	13/6	ou
Preço médio de venda	13/6	

DESPESAS EM LONDRES:

Frete marítimo	3/6	
Docas, etc.	1/6	
Direitos	2/5	
Seguro, telg.	-/11	
	8/4	
	5/2	
Saldo		4\$337
35% de 5/2 no cambio official (56\$000)		10\$817
65% de 5/2 no cambio livre (75\$800)		
Somma		15\$154

DESPESAS NO RIO:

Colheita, transporte das chacaras, embalagem, material, frete, despachante, etc.	8\$000
Ministerio da Agricultura	\$200
Taxa de previdencia	\$200
Somma	8\$400
SALDO LIQUIDO para pagamento das laranjas, juros, etc.	6\$754

O resultado acima indicado pôde ser comprovado com as respectivas contas de venda, como pude verificar. Entretanto, segundo outras informações, no decurso de toda a safra passada, o preço alcançado foi de 5/6 f. o. b.

Para base de financiamento poder-se-ia tomar o valor de 15\$000 para cada caixa de laranjas, que é quanto os exportadores recebem das firmas importadoras, contra os conhecimentos de embarque. Essa poderia ser a base para o financiamento aos exportadores, tornando as operações perfeitamente garantidas. Os exportadores possuem, em geral, seus *packing houses* perfeitamente aparelhados, vehiculos para o transporte das fructas e materiaes diversos que garantem perfeitamente as suas responsabilidades. Seria viavel o funcionamento de uma carteira de credito industrial que viesse auxilia-los e assim permittir uma maior expansão do commercio exportador.

Quanto aos agricultores, haveria necessidade de instituir duas modalidades de emprestimo:

1) emprestimos a longo prazo (cinco annos), com ga-

rantia hypothecaria de primeiro grão sobre terras proprias e suas bemfeitorias, para desenvolvimento da cultura do respectivo terreno, etc.;

2) emprestimos a prazo médio (um e meio a dois annos) com garantia de fructo pendente (penhor agrícola) para custeio, desinfecção, adubação e auxilios á protecção da safra, mediante amortisações mensaes.

Convencido estou de que, sem que se resolva o financiamento dos fructicultores e dos exportadores de uma forma pratica que attenda ao desenvolvimento das culturas e de amparo á exportação, libertando-a da sujeição ao capital estrangeiro, eliminando-se o regimen de consignação, ora vigente, não poderemos promover o augmento crescente da nossa exportação de laranjas.

Proponho, por conseguinte, deante de tudo quanto fica exposto, recommendar o Conselho as providencias contidas no Decreto 24. 534 de 3 de Julho de 1934 do Governo Provisorio, como assim, um entendimento com o Banco do Brasil para o estudo do financiamento do custeio da cultura da laranjeira, de sua safra e exportação, providencias essas destinadas a proporcionar o incremento seguro do nosso commercio exterior de laranja, auspiciosamente em desenvolvimento.

CASA FLORA

Schlick & Nogueira



Rio de Janeiro
Ouvidor, 61
Gonç. Dias, 67

•
TRABALHOS
MODERNOS EM
FLORES PARA
TODOS OS FINS.

PLANTAS - fructiferas e
ornamentaes.

SEMENTES - importação directa.

FERRAMENTAS - INSECTICIDAS

A J A R D I N A M E N T O .

As condições Técnicas da Laranja Brasileira no Mercado de Londres

O Sr. Agesilau A. Bitancourt, sub-director do Instituto Biológico de São Paulo, levou a effecto, na Sociedade Nacional de Agricultura interessante conferencia sobre "As condições técnicas da laranja brasileira no mercado de Londres".

Logo ao iniciar a sua dissertação, salientou o orador que o estudo das condições de nossos productos: citricolas abrange, de um lado o seu acondicionamento e, de outro, a fructa propriamente dita. E lembrou: para toda a mercadoria que procura uma clientela, tornada exigente pela concorrência cada vez maior, entre diversos países productores, o problema da apresentação tem importância capital, felizmente, essa verdade foi bem cedo comprehendida pelos nossos exportadores de laranjas. E, ás primeiras partidas, approximadamente em 1925, quando o acondicionamento era muitas vezes feito mesmo até em caixas de cebola, succederam exportações de partidas cada vez melhor acondicionadas.

Na época actual — referiu o conferentista — se não pode ser considerado o melhor, o nosso producto, no que se refere a acondicionamento, pelo menos pode ser comparado aos de outros países considerados na vanguarda da agricultura mundial.

O nosso progresso, no entanto, — considerou o orador — não se processou de maneira tão notavel, em relação á fructa propriamente dita, á sua belleza exterior, que requerem cuidados especiaes para com o pomar — cuidados que somente após alguns annos produzem effectos apreciaveis.

Salientou, a seguir, que, para melhor lutar contra a concorrência de outros países exportadores de laranjas, o melhor meio consiste, evidentemente, em procurar saber quaes os pontos em que taes países superam o nosso, na perfeição de seus productos. Esse objectivo, justamente — frisou o orador — foi o que o levou a Londres para estudar as condições das nossas laranjas naquella mercaderia, principalmente em comparação ás fructas de procedencia hespanhola, sul-africana e americana.

O PROBLEMA DO ACONDICIONAMENTO

Passou, depois, o conferentista a estudar o problema de acondicionamento, cujos menores detalhes não podem ser desprezados, quando se procura conquistar um mercado. Assim, cumpre observar, com o maior rigor, o tamanho e a forma da caixa, as madeiras empregadas em sua confecção, a collocação das fructas, o papel de embrulho, o pregamento.

É poz em relevo:

"Em poucos annos passamos da caixa de cebola ao

typo mais aperfeiçoado de caixas de exportação feita com a melhor madeira utilizada para este fim. Os elogios que ouvi em Londres sobre a nossa caixa não são suspeitos e attestam o progresso incontestavel realizado num prazo relativamente curto. Países que estão exportando ha muito mais tempo do que nós, como a Hespanha, ainda não uniforsaram os typos de suas caixas e estão, em relação ao nosso país, em situação de inferioridade patente. Uma boa caixa deve preencher os seguintes fins: 1.º defender as laranjas contra choques e attritos; 2.º garantir uma boa ventilação interna, sem o que não se consegue boa conservação do producto; 3.º conter o maximo de fructas no minimo de espaço, compativel com os dois primeiros requisitos; 4.º ser resistente; 5.º ser leve; 6.º ser attractiva. Essas diversas exigencias são satisfactoriamente preenchidas pela caixa "standard" americana que adoptamos.

Pequenos pontos poderão ser facilmente corrigidos. Por exemplo, usamos pregos fracos que perdem a cabeça, despregando-se ás vezes nossas caixas com facilidade. O papel de embrulho, sempre menos vistoso que o que os hespanhoes empregam, é frequentemente de dimensões muito grandes, formando um chumaço nos vãos deixados entre as laranjas e prejudicando a ventilação.

De outro lado, parece uma grande vantagem o tamanho maior da caixa paulista, comparada com a de outras procedencias. Com esta caixas conseguimos collocar em Londres laranjas que difficilmente poderíamos vender, em razão de seu tamanho".

A LARANJA VERDE

Proseguindo, logo a seguir, assim se referiu, a proposito das laranjas ainda não de todo sazoadas:

"Não é porém no acondicionamento que precisamos realizar os maiores progressos, já que este se aproxima, por sua perfeição, aos dos países esportadores tão adiantados quanto os Estados Unidos.

Muito mais importante é o melhoramento da fructa propriamente, que infelizmente ainda não alcançou o alto grau da perfeição da fructa da California.

Um dos maiores defeitos da laranja brasileira no inicio da estação é a cor verde que possui, mesmo quando já está bem madura e com bastante assucar. E' isto proprio das laranjas produzidas nos países tropicaes. A laranja hespanhola possui o defeito contrario, pois muitas vezes apresenta-se com cor bonita quando está ainda acidissima. O consumidor europeu, por muito tempo acostumado com a fructa hespanhola que antigamente era a unica a ser vendida por lá, desconfia sempre de

uma fructa verde e isto tem prejudicado enormemente a boa acceitação da nossa laranja.

Felizmente, temos ao nosso alcance um excellente meio de remediar a este inconveniente, a coloração artificial em camaras fechadas onde se introduz o gaz ethylenio. Graças a este processo, conseguimos exportar fructas que pela sua cor natural não poderiam sair do nosso paiz de accordo com os nossos regulamentos. A coloração artificial deve pois ser applicada systematicamente por todos os exportadores, pelo menos no inicio da estação".

PRODUCTOS MANCHADOS

Passando a estudar outro defeito da nossa laranja — o das manchas que communmente apresenta — salientou:

"As laranjas de exportação devem ser perfeitamente limpas. E' bem conhecido o gráu de belleza alcançado pelos americanos com suas maçãs. Hoje em qualquer canto do paiz, conseguimos encontrar as bellissimas maçãs vermelhas que nos mandam dos Estados Unidos.

Os americanos realizaram com as laranjas o mesmo que fizeram com a maçã. Os inglezes podem comprar em Londres maravilhosas laranjas da California, roliças e sem a menor mancha. Comparemos isto com o das fructas feias e manchadas das nossas feiras livres e seremos obrigados a confessar que muito nos resta ainda a fazer. E' verdade que exportamos para Londres o que temos de melhor após uma escolha nas "casas das laranjas".

Deste modo conseguimos levar a Londres fructas que não são inferiores a de outros paizes exportadores, embora ainda muito longe da perfeição da laranja americana. Mas a verdade é que somente com os tratos adequados do pomar e principalmente pelas pulverizações é que conseguiremos produzir em quantidade as fructas limpas para exportação. Estas pulverizações, que visam combater as pragas e doenças das laranjeiras estão hoje perfeitamente determinadas graças aos trabalhos do Instituto Biologico de São Paulo, que em menos de 4 annos fez o estudo completo de todos estes males, procurando deste modo assistir o citricultor na defesa da sua lavoura. Muitos produtores, porém, ainda não estão realizando as pulverizações, sendo portanto necessario que as autoridades tornem obrigatorias estas operações, afim de garantir para as nossas exportações o gráu de perfeição desejavel".

A LARANJA PODRE

Referiu-se então a laranja podre. E affirmou:

"Mais, entretanto, do que as fructas verdes e manchadas têm contribuido para prejudicar o bom nome da laranja brasileira a alta porcentagem de fructas podres encontradas nas nossas partidas. Os prejuizos oriundos do apodrecimento de quantidade maior ou menor de fructas de uma caixa são aggravados pela desconfiança

estabelecida, pois o apodrecimento é uma coisa incerta, cuja importancia nunca é possível prever. O commerciante que adquire umas fructas sujas sabe exactamente o que está fazendo. Decorridos alguns dias, as fructas não estão nem mais nem menos sujas do que no primeiro dia. Uma caixa com uma só fructa podre, no primeiro dia pode muito bem ter mais de 50 fructas nestas condições após um certo tempo. O comprador, quanto antes, deve procurar desfazer-se desta perigosa mercadoria, vendendo-a por qualquer preço. Donde o retrahimento de innumerous pequenos compradores que somente adquirem uma ou duas caixas de cada vez e que não podem arcar com os prejuizos oriundos da perda eventual de uma forte proporção das fructas de uma caixa. Estes pequenos compradores, que muitas vezes possuem unicamente para o seu commercio uma pequena carroça puxada a mão, são numerosissimos e constituem, portanto, uma freguezia importante que não deveriamos perder.

A podridão constitue, portanto, um serio problema que bem poderá ameaçar a nossa exportação de laranjas, se medidas energicas não forem tomadas para combatel-a. Entre as diversas modalidades de podridão, uma se destaca pela sua importancia e alta porcentagem com que se apresenta nas partidas brasileiras. E' a podridão peduncular, que se inicia junto do pedunculo e evolue rapidamente, transformando em pouco tempo a laranja em uma bola amolecida e escura. A podridão peduncular é produzida por fungos que se hospedam nos galhos seccos das laranjeiras. Estes devem ser podados rigorosamente todos os annos durante o periodo de repouso vegetativo do inverno. A podridão se desenvolve graças á humidade, conservada junto do botão peduncular, o que poderá ser evitado empregando-se seccadores efficientes nas casas das laranjas e provocando a queda do botão nas fructas coloridas artificialmente. Finalmente, é preciso que o uso de vagões ventilados, proprios para o transporte de fructas seja adoptado por todas as estradas de ferro que devem tambem reduzir ao minimo a viagem das laranjas até o porto. E' graças ao aquecimento e á falta de ventilação de vagões pouco apropriados que a podridão se desenvolve com tal intensidade nas laranjas brasileiras".

Ao concluir, disse o Sr. Agesilau A. Bitancourt:

"O progresso incontestavel da citricultura brasileira, observado em poucos annos, é devido aos esforços dos citricultores, amparados pelas sabias medidas das autoridades competentes. Este progresso não pode paralisar-se. Mais do que nunca, precisa da colaboração estreita e fecunda do agricultor e dos poderes publicos".

Annuncie em a

"A LAVOURA"

A decadencia da Cultura da Banana na Baixada Fluminense

Um officio da Sociedade Nacional de Agricultura aos Srs. Presidente da Republica e Ministros da Agricultura e do Trabalho.

"A Sociedade Nacional de Agricultura recebeu, na sua ultima reunião semanal, com a maior sympathia, o appello que lhe dirigiram o plantadores e exportadores de bananas do Estado do Rio, por intermedio da Associação dos Exportadores de Fructas do Districto Federal, no sentido de ser solicitada ao Governo a sua attenção para a decadente situação em que se encontra a cultura da banana na Baixada Fluminense.

Attribuem os interessados essa decadencia, principalmente ao serviço de estiva, cuja interferencia na exportação do fructa não pôde ser evitada, a qual, além de outras difficuldades, acarreta uma despesa de \$700 por cacho de banana exportada.

Referiram os exportadores e plantadores, a proposito, que essa cultura deveria merecer o maior amparo dos poderes publicos, por isso que, animada por perspectivas razoaveis teve notavel incremento nas terras da Baixada Fluminense, com a inversão de apreciavel capitaes, elevando o nivel social dos respectivos habitantes, drenando e saneando, naturalmente, sem dispendio por parte do Governo, o grande tracto de terra, até hoje problema insolúvel pelo vultu das obras que um saneamento directo acarretaria.

O nivel social das populações foi, realmente, melhorado nas zonas onde a cultura da banana mais se desenvolveu, bastando por exemplo, citar que, antes della, as diarias vigentes eram de 2 a 3\$000 passando logo depois a 8\$000, 10\$000 e mais, sendo que aquellas sob empreitada, muitas vezes, attingiam 17 a 20\$000 diários. Sabe V. media, um cacho de banana cerca de \$700. Sabe V. economicamente, envolve, tambem, o aspecto social e o do saneamento de uma grande região aproveitavel a culturas neamente de que dependerá o proprio abastecimento das cidades do Rio de Janeiro e Nictheroy, como centros consumidores.

Esta Sociedade animou quanto pôde a cultura da banana na Baixada Fluminense, visando aquelles objectivos e baseada no exemplo da America Central que, sem exaggero, deve a sua civilização e riqueza á exploração da preciosa planta. Mediante a inversão de grandes capitais, principalmente americanos, na exploração, saneamento e extensas zonas, crearam-se, para os paizes receptivos, grandes fontes de renda, alicerçou-se, enfim, uma civilização. Entre nós ha o exemplo de Campos com a canna de assucar, o de Campo Grande e o de Nova Iguaçu com a laranja, provando que o saneamento de certas zonas pôde e deve ser feito mediante a cultura intensa de plantas uteis e apropriadas.

Por todas estas razões e, ainda, porque está em evidente decadencia a bananocultura na Baixada Fluminense, havendo presentemente apenas algumas fazendas que ainda timbram em tentar a sua exploração, a Sociedade aceitou o appello da Associação dos Exportadores de Fructas do Districto Federal e, com prazer, o transmite a V. Exa. Não desejam os exportadores conseguir muito. Querem apenas pagar o dobro do que paga o cacho de bananas em Santos, á Estiva, ou seja \$240. Alli, naquella porto, bem perto de nós, a taxa cobrada é de rs. \$120.

O actual systema de trabalho precisa ser modificado. Os trabalhadores da estiva recebem por dia de serviço, accrescido das horas extraordinarias, sendo que á noite e nos dias feriados a quantia que recebem é geralmente duplicada ou quadruplicada, não sendo incomum um trabalhador de estiva receber por quatro ou cinco horas de trabalho 100\$000 ou 150\$000. Paradoxalmente, por esse systema, o estivador tem interesse de trabalhar o menos possivel, para deste modo ganhar mais, por isso que, quanto mais demorado fôr o seu trabalho, de maior tempo precisará para fazer o embarque, e, assim, mais horas estará vencendo.

A Sociedade Nacional de Agricultura julga indispensavel tal providencia afim de evitar o perecimento de uma riqueza promissora e que poderia transformar uma zona extensissima, insalubre e inutil num vasto celeiro de productos de facil consumo, mesmo dentro do paiz e, para maior elucidação do assumpto, tomo a liberdade de fazer sentir a V. Exa, que sendo o valor medio annual de um cacho de bananas de 1\$500, 33% são consumidos só com a Estiva. Vale a pena, a proposito, lembrar a V. Exa. que uma sacca de café, cujo valor é de 120\$000, paga á Estiva \$250; que uma caixa de laranjas, valendo 23\$000, paga \$680 — em evidente desproporção de peso e de valor com a banana.

Não é possivel, realmente, que só de estiva, pague, em media, um cacho de banana cerca de \$7000. Sabe V. Exa. que a banana é um producto barato e não pôde, por isso mesmo, supportar grandes encargos, como esse, e que, se não removido, acarretará a ruina total do que ainda sobrevive, a custa de enormes sacrificios, tanto que, dos dois milhões de pés plantados em 1930, restam apenas alguns milhares.

Confiante, a Sociedade entrega o assumpto ao alto espirito de justiça de V. Exa., e aproveita o ensejo para reiterar os protestos de elevada estima e distincta consideração.

Arthur Torres Filho
1.º Vice-Presidente em exercicio"

EXCESSO DE LEITE

por OTTO FRENSEL
Direct r Technico da S. N. A.

Anno por anno, fazendeiros e industriaes, estão ás voltas com o problema do excesso de leite na estação das aguas, problema este que se apresenta com uma infallibilidade desconcertante.

Não queremos tocar nas soluções que poderiam ser dadas, parcialmente, nestes problemas, com a semi-estabulação do gado, etc., mas sim queremos especificar alguns dos sob-productos de leite que poderiam ser uteis para enfrentar este momentoso problema.

Temos, em primeiro e no mais importante logar, a standardização da produção de manteiga e de queijos, de maneira a serem apresentados aos mercados, productos uniformes e de primeira qualidade. N'estas condições a industria nacional de lacticínios poderia concorrer com vantagem com paizes que, possuindo condições muito menos favoraveis, entretanto, conseguiram, graças á persistencia, methodisação, etc. obter um logar de destaque, valorizando, não só o seu leite, mas também o credito geral do paiz.

Além dos dois productos acima, recommenda-se a fabricação de leite condensado e em pó. Estes dois productos pderiam ter um consumo enorme no proprio paiz,

si o seu verdadeiro valor na panificação, confeitaria, etc. fosse devidamente conhecido.

Outros productos de lacticínios ou de que o leite faz parte principal, tem um consumo verdadeiramente ridiculo, poderiam valorizar-se, si a sua verdadeira utilidade fosse devidamente conhecida. Lembramos aqui o "Ice-cream", "kefir", "yohurt", soro de manteiga, etc.

Lembramos, também, mais uma vez, o soro da manteiga, cuja organização de venda não requer capitais grandes e organizações complicadas. Necessita, porém, um importante trabalho educacional. O soro da manteiga é, porém, uma bebida das mais saudaveis. Os Estados Unidos e outros paizes, já ha muito, reconheceram estas suas admiraveis qualidades, tendo incrementado o mais possivel a sua venda e consumo.

Finalmente lembramos, que sempre deve ser cuidada a produção e distribuição de um LEITE LIMPO E BOM.

Eis ahi um campo de trabalho que merece a attenção de todos — productores, intellectuaes e capitalistas.

LEITE LIMPO E BOM, eis a base de GERAÇÕES FORTES.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro de 1897

(Reconhecida de Utilidade Publica pela Lei n. 3.549, de 16 de Outubro de 1918)

DENTRE OUTROS SERVIÇOS A' ECONOMIA NACIONAL.

CONTRIBUIU para o fortalecimento do espirito associativo da classe rural do paiz, promovendo e encorajando a fundação de associações agricolas;

DISTRIBUIU mais de um MILHÃO E QUINHENTOS MIL mudas de arvores fructíferas, sobretudo citricas;

PUBLICOU e distribuiu, gratuitamente, mais de CENTO E CINCOENTA MIL exemplares de trabalhos sobre assumptos agricolas;

INSTITUIU, no Horto da Penha, onde estabeleceu uma estação de pomicultura, um Aprendizado Agrícola para a formação de capatazes de fazenda com ensino gratuito;

FUNDOU a Confederação Rural Brasileira;

SUGGERIU á Prefeitura do Districto Federal, em 1904, a criação das feiras livres — o que se consubstancia em lei em 1916;

TRATOU, em primeira mão, das questões de alcoolmotor e do pão misto, com estudos theoricos e praticos completos a partir de 1916;

EDITOU, dentre outros numerosos trabalhos:
Geographia Agricola do Brasil, 1908, 1 vol

Legislação Agricola de Brasil, comprehendendo todo o periodo colonial e o independente, até a Republica — 1910, 3 vols.
Inquerito Nacional de Immigração — 1928, 1 vol.

Annaes da 1.^a Conferencia Nacional Algodoeira, 3 vols.

Annaes da Conferencia Internacional Algodoeira, 2 vols.

Annaes da 1.^a Conferencia Nacional de Lacticínios, 1 vol.

BATEU-SE pela criação do Ministerio da Agricultura (Conclusões do Primeiro Congresso Nacional de Agricultura, 1901);

PUBLICA, desde 1897, a revista "A Lavoura";

MANTÉM uma Bibliotheca especializada, com 20.000 volumes, e um Museu Agrícola, franqueados ao publico;

ATTENDE, gratuitamente e com presteza, a qualquer consulta sobre assumpto tecnico de agricultura, commercio e industria.

A PÓDA DAS ARVORES

Prof. D. ALDA P. DA FONSECA

A póda às arvores é um assumpto muito interessante, no entanto não lhe dão a importancia que merece.

Para se proceder á póda das arvores é preciso saber se a planta tem necessidade desse cuidado cultural e qual o effeito que poderá resultar de semelhante operação.

Não é qualquer jardineiro que poderá proceder a uma póda efficaz pois na maioria dos casos possuem, apenas, conhecimentos muito rudimentares sem nada comprehender do que se refere á biologia vegetal.

sando, as vezes, serio: prejuizos, principalmente em se tratando das arvores de pomar cuja póda poderá causar interrupção de producção de fructos pelo espaço de um ou dois annos.

Ha bem pouco tempo verifiquei esse resultado num pé de kaki que existe em um jardim de bairro em que resido.

O dono da arvore, naturalmente, encantado com os bellos fructos que colheu, julgou a arvore merecedora



Uma "Cassia Grande" em plena florescencia.

Realmente, sem conhecer a vida da arvore e suas exigencias culturaes, não é possivel decidir favoravelmente no caso da póda que poderá ser até fatal em alguns casos.

Autores ha, que aconselham a póda de certas plantas repetindo o que leram em trabalhos anteriores, cau-

de maiores cuidados culturaes e podou-a. Observei o caso e não pude deixar de sorrir imaginando a decepção que iria soffrer o dono da planta.

O resultado foi o que eu previra; o kakiseiro não fructificou nesse anno.

Ha grande numero de arvores fructiferas que não

florescem nem fructificam senão nos galhos "maduros", os rebentos novos são improductivos.

Por esse motivo é que insisto em dizer que ninguém deve podar uma arvore sem saber o resultado que poderá sobrevir dessa operação.

Ha plantas, como a videira, que não produzem se não podadas; ha outras que admittem a poda e algumas que não a toleram, morrendo, se continuarem a ser podadas.

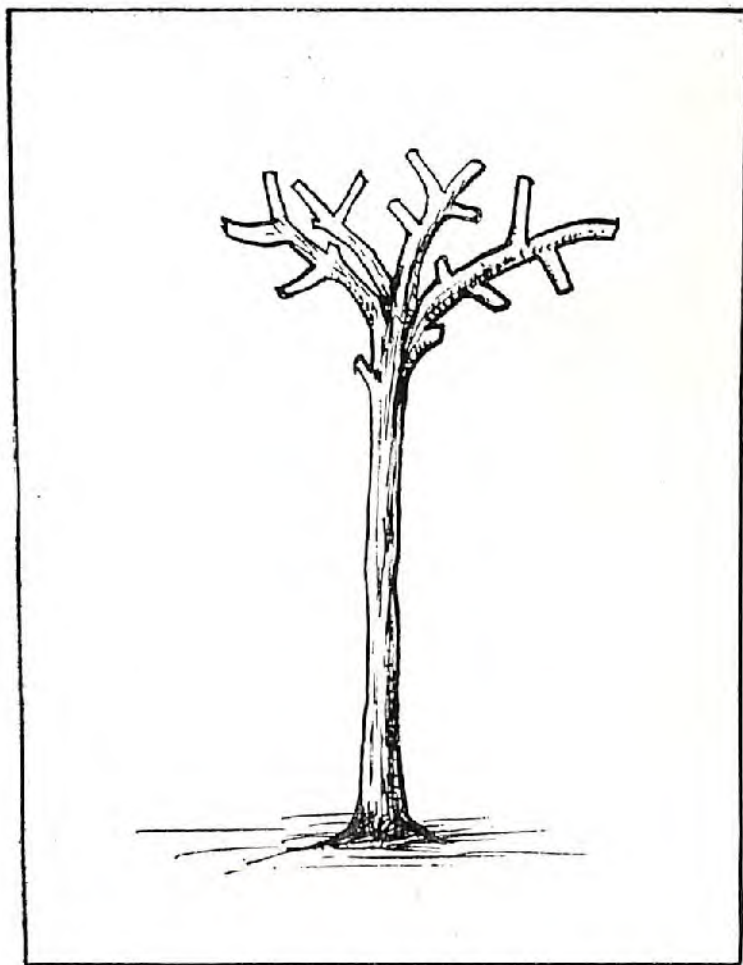
Não é só nos pomares que se observa o prejuízo causado por uma poda impropria. Nos jardins tambem poderemos apreciar os resultados dessas mutilações, que

Por muito tempo, só se arborisavam as ruas do Rio de Janeiro com oitiseiros, vindo, em seguida, as becmeiras, as grevileas, e, por fim, a "Cassia grandis".

A "cassia grandis", é uma arvore bellissima cujos ramos se alongam formando uma grande côma de folhagem pouco densa.

Por ser arvore de grande porte é mais apropriada para as praças pois nas ruas, plantadas na distancia commum, seus ramos se encontram e com a constante pôda que soffrem, tornam-se ramalhudas, escurecendo os jardins e até o interior das casas fronteiras.

A "cassia grandis" na época da florescencia é de



Aspectos de uma "Cassia Grandis" depois de podada pelos jardineiros da Prefeitura.

transformam inteiramente a fôrma natural da arvore. Ha plantas que se prestam extraordinariamente a essas mutilações, como as coníferas, principalmente as cryptomerias; as murtas, as aglaís e os ficus benjamini que actualmente invadem todos os jardins, representando todas as fôrmas geométricas.

Onde o effeito da pôda é mais notavel é na arborisação publica.

um effeito admiravel, cobrindo-se de flores cor de rosa, de lindo aspecto, mas aqui na cidade, essas arvores não podem florescer por causa da pôda barbara a que não submettidas periodicamente.

As flores surgem nos ramos "maduros" e com a pôda ellas são inteiramente eliminadas, ficando a arvore reduzida a um tronco mutilado.

(Cont. pag. seguinte)

A Questão do Leite

R. DE FREITAS LIMA

O Sr. R. Freitas Lima, sobre a momentosa questão do leite, dirigiu à Sociedade Nacional de Agricultura a seguinte carta, que com prazer publicamos:

Concordando plenamente com a comunicação do meu prezado amigo Sr. Julio Lutterbach sobre o commercio do leite, inserta no Jornal do Comercio de 23 do corrente, venho tambem pedir o patrocínio dessa Sociedade em prol dos productores de leite, unicas victimas dos preços arbitrariamente fixados pelas Prefeituras.

Como V.V. S.S. sabem o commercio de leite é feito através das Usinas, Entrepósitos e Retalhistas e as Prefeituras tabellando baixo os preços de retalho em nada attingem os intermediarios, porque todos elles reservam a sua margem de lucro, ficando somente prejudicados os productores pelos preços infimos que lhes são impostos.

Para demonstrar o allegado bastará dizer que desde 1922 nunca o preço do leite baixou á ridicula cotação de 250 réis por litro, como succedeu em Agosto p., epocha da mais accentuada secca, quando a produção baixou cerca de 40%.

Patentear-se assim com a maior clareza a necessidade das Prefeituras fixarem os preços para venda do leite, de accordo com as estações do anno e partindo de cotações remuneradoras para os productores.

Estas cotações deverão, a meu ver, variar de 300 a 500 rs. por litro.

Julgo que quem pode intervir nesse commercio pderá igualmente resguardar interesses legitimos dos que têm todos os onus com a produção.

As Usinas declaram a impossibilidade de melhorar os preços allegando o tabellamento das Prefeituras e a superprodução, obrigando-as a converter parte do leite em manteiga.

Esta allegação não julgo muito procedente, mas mesmo verificada será de facil solução.

Seja-me licito consignar que a manteiga no todo ou na maior parte, fabricada pelas Usinas provem do des-

natamento do producto integral recebido, que é exportado apenas com a porcentagem de gordura tolerada pela Fiscalisação de Lactícínios.

Se ha superprodução nada impede que as Usinas diminuam proporcionalmente dos fornecedores a sua quota de entrega.

Haverá assim o equilibrio desejado e beneficio apreciavel para os productores, porque melhor será, por exemplo, a venda de 300 litros diarios a 300 rs., que 400 a 200 rs.

Lucro em dinheiro e 100 litros de leite para serem negociados ou empregados em outros fins, ou na melhor alimentação das crias, fonte da criação.

Não visam estes escriptos nenhuma critica ás Usinas, Entrepósitos e Retalhistas. Negocio é negocio e elles tratam de acautelar seus interesses.

Os productores, porém, em virtude de factores varios, não tem podido agir para pôr um paradeiro no lastimavel estado a que chegou o commercio do leite.

Com as suas propriedades desvalorizadas, oneradas assás com augmentos de todos os antigos impostos e criação de novas tributações, maiores despesas pelo encarceramento do quê é necessario para os serviços, a maioria arcando com hypothecas ou dividas accumuladas, não tendo sequer recursos para o custeio, assim os productores de leite assistem á derrocada dos seus haveres.

Nenhuma voz autorisada em seu favor. O proprio Ministerio da Agricultura, no dizer dos communicados á imprensa, muito interessado em proteger a produção nacional, nem ao menos se referiu ao assumpto.

A intervenção dessa Sociedade aqui no Rio, será altamente benefica, porque o resultado servirá de base para entendimentos identicos com as Prefeituras dos outros Estados productores.

Ouso esperar boa acolhida á mais este appello e muito agradecendo desde já, firmo-me com subido apreço e consideração

densa, apresentando a fôrma erecta e conica.

Essa arvore não se submete á póda. Da primeira vez bróta forte apresentando varios galhos erectos, mas com a continuação, vae enfraquecendo e morre sem que consigam transformal-a em uma fôrma contrária á que lhe deu a Natureza.

Na Avenida 28 de Setembro e a rua Campos Salles poderão ser apreciados os resultados desastrosos da póda, nas gravileas, que vão definhando aos poucos, até que lhes sobrevenha a morte.

Os jardineiros não tem culpa; não conhecem a biologia vegetal e, portanto, não podem prever os casos em que a póda se torna condemnavel.

Continuação da pag. 81

Como seria deslumbrante o aspecto da Praça da Bandeira, por exemplo, se deixassem de podar as arvores e estas se cobrissem de flores cor de rosa!

Na época da florescencia, que é nos ultimos mezes do anno, a "cassia grandis" fica despida da quasi totalidade das folhas, surgindo por entre as flores, alguns rebentos de um verde avermelhado, como se verifica pelo clichê que acompanha estas linhas. Na "cassia grandis" a póda inutiliza apenas a florescencia mas em se tratando das gravileas, a póda produz a morte da planta.

A gravileia é uma bella arvore, de folhagem pouco

Industria Extractiva do Ouro

A industria de extracção do ouro, atravessa, actualmente, em Minas, uma epocha de renascimento. Esta affirmativa é feita não propriamente em relação á grande industria, explorada pelas empresas dotadas de apparellamento aperfeiçoado, das quaes o Estado continua a contar por enquanto com as duas antigas, que são a do Morro Velho e a da Passagem. Ella se refere á pequena industria, desta que se caracteriza pela faina, ora existente em numerosos municípios mineiros, de ajuntar á margem dos rios e correjos ou mesmo no recesso não muito escondido do sub-solo, o ouro que se offerece em condições de uma cata menos penosa, sem a exigencia de grandes capitães e a coberto, por isso mesmo, de qual-quer insuccesso.

De numerosos municípios do Estado são frequentes, nestes ultimos annos, as noticias acêrca da intensa actividade que vae em todos elles em torno da mineração.

Parece, em parte, uma das consequencias resultantes da Revolução, encarada no seu aspecto de movimento reconstructor da economia nacional. As riquezas do sub-solo ahi estavam a mostrar-se como um dos mais valiosos recursos a serem aproveitados. E o povo, que já começava a querer descer de taes riquezas, ante as affirmações algo derrotistas daquelles que julgavam exagerada a exaltação de que eram objecto, voltou novamente para ellas as suas vistas, estimulado por uma propaganda mais interessada que passou a ser feita em prol de sua exploração, tanto pelo Serviço Geologico do Ministerio da Agricultura, como pelo governo mineiro.

Este, de modo especial e por ser aliás mais interessado vem realmente consagrando, a partir de 1931, uma grande attenção ao assumpto. A principio, foi a Campanha Economica, instituida para a obra de reerguimento das finanças mineiras, profundamente abaladas em consequencia do movimento revolucionario e a cujo appello accorreu patrioticamente o povo montanhês, por numerosos de seus representantes de todos os recantos de Minas, com suas offertas em ouro para aquelle elevado fim, mas que foram, afinal, em um gesto de alta comprehensão da admi-

nistração estadual, por esta restituídas aos patrióticos doadores. Esse facto, que tão bem retrata a consciencia civica dos habitantes de Minas, foi certamente um dos factores moraes a influenciarem na volta do seu interesse pelas riquezas mineræas, como elemento que são da grandeza do Estado. Encerrada a Campanha Economica, de cujas actividades ficaram grandes beneficios, foi a Secretaria da Agricultura enriquecida em sua organização com a criação do Serviço Geologico estadual, que, em cooperação com o governo federal, vem proseguindo vantajosamente na obra de incentivo e protecção á industria extractiva mineral, notadamente a do ouro.

Surgem assim em quasi todos os municípios as mais esperançosas actividades em busca desse precioso metal, abundante ainda no sub-solo mineiro.

E' verdade que, á excepção de alguns, em que, de accordo com as noticias recebidas pelo Departamento de Estatistica e Publicidade, vão apparecendo empresas organizadas dotadas de um certo apparellamento mechanico, tendente a tornar mais remuneradora a exploração, a maioria é constituída de faiscadores que vivem de batia em punho a lavar o cascalho rico formado pelas alluviões ou escavados nos flancos das montanhas. Mas essa gente laboriosa e perseverante se apresenta hoje em tão grande numero no territorio mineiro, que o D. E. P., de accordo com os seus calculos cuidadosos, atravez de informações colligidas em 1934, não pode estimal-a em menos de 7.000 pessoas.

Está, portanto, a pequena industria de extracção do ouro em Minas Geraes servindo como elemento de ganho para numerosas familias espalhadas em seus vastos rincões, preparando assim o lastro para o surgimento de novas empresas destinadas á grande exploração. E mais ainda: representa um factor valioso de fixação do homem ao solo, nas zonas de terras safaras, onde justamente se apresentam mais abundantes os jazimentos auríferos. E' uma solução providencial ao problema premente da ordem social e economica que se apresenta nessas regiões, qual o do êxodo das populações, como ultimamente se tem

Formicida "Júpiter"

O CARRASCO DA

SAÚVA!

"Elekeiroz" S. A.

AGENTE DO RIO

E. POLTO

R. São Pedro, 43

verificado de maneira tão apprensiva no Norte de Minas.

Justo é, portanto, o interesse que a industria de mineração vem merecendo ultimamente dos poderes publicos federaes e estaduaes, cumprindo uma attitude correspondente no mesmo sentido, da parte dos Municípios, que poderão, com a sua assistecia mais proxima e portanto mais efficiente, contribuir em muito para a incremento das pequenas empresas.

De accordo com a estimativa do D. E. P., a produção do ouro de alluvião, no Estado, em 1934, é calculada em 840.000 grammas, ou seja um valor de 13.628:160\$000, na base de 16\$224 a gramma, que foi a cotação no referido anno.

A produção das duas grandes empresas, isto é, a do Morro Velho e a da Passagem, attingiu o total de 3.468.253 grammas, no valor, pelas mesmas fixado, de 46.762:282\$900, ou sejam, para a primeira, 3.265.314 grammas, no valor de 43.870:930\$500 e da segunda, 202.939 grammas, no valor de 2.891:352\$400.

A exploração de Morro Velho vem tendo o volume de sua produção diminuido, neste ultimo quinquennio de accordo com os seguintes algarismos existentes nos arquivos do D. E. P.:

Em 1930	3.911.766 grs.	23.787:449\$046
Em 1931	3.714.200 "	34.928:336\$800
Em 1932	3.584.900 "	32.562:875\$700
Em 1933	3.528.421 "	38.130:967\$000
Em 1934	3.468.253 "	46.762:282\$900

A produção da Passagem, também em diminuição de 1930 a 1933, com aumento em 1934, foi a seguinte, no mesmo quinquennio:

Em 1930	300.000 grs.	1.860:000\$000
Em 1931	166.747 "	1.519:544\$000
Em 1932	143.522 "	1.211:970\$000
Em 1933	138.027 "	1.397:434\$700
Em 1934	202.939 "	2.891:352\$400

O total da produção aurifera do Estado, em 1934, se expressa, de accordo com os algarismos acima, em 4.408.253, no valor de 60.390:442\$900, respeitadas as co-

tações estabelecidas por cada uma das duas grandes empresas, para a respectiva produção. Esse valor elevar-se-ia a cerca de setenta mil contos, se se desse para toda a produção a cotação média do ouro, em 1934.

(Do Boletim Semanal de Informações Economicas e Commerciaes do Estado de Minas Geraes).

A Distribuição de Vespas de Uganda no Estado de São Paulo

O Instituto de Café de S. Paulo acaba de divulgar a noticia que julgamos de grande interesse para o conhecimento de todos. É a que se segue.

Consoante informações colhidas no Instituto Biologico, foram distribuidas em 1933 no Estado de São Paulo, 245.449 vespas de Uganda. Em 1934 esses serviços se activaram ainda mais de modo que, de Janeiro á primeira quinzena de Novembro, a distribuição já alcançou 700.465 vespas, sem contar 980 saccos de café em coco infestados com o meso insecto. Calcula-se que cada sacco contem em média 5.000 vespas.

Os efeitos da vespa de Uganda nas fazendas atacadas de broca tornam-se cada vez mais evidentes. Examinamos varias amostras de cafés produzidos nas fazendas onde não se havia ainda introduzido o inimigo do stephanoderes. A quantidade dos cafés obtidos era a peor possível, enquanto hoje, depois da disseminação da vespa, os cafés apresentam, apenas, alguns furros de broca, o que não deprecia de modo muito sensível o seu valor commercial.

A vespa de Uganda foi distribuida em 650 propriedades agricolas, mas, em virtude de sua propagação espontanea, já foi encontrada em muitas fazendas vizinhas áquellas propriedades. D'essa maneira torna-se evidente que o combate á broca não é uma impossibilidade em S. Paulo. As zonas atacadas não estão de maneira alguma condemnadas, uma vez que os proprietarios de fazendas tomem a si a incumbencia de auxiliar a propagação do insecto introduzido no paiz para combater á broca, e se interessem e applicuem as outras providencias aconselhadas.

FRANCISCO

GIFFONI & C.

INSOLAÇÃO-TYPHO-UREMIA
INFECÇÕES INTESTINAES, URIHARIAS
EVITAM-SE USANDO
UROFORMINA
 DE GIFFONI
 EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

R. 1 de Março, 17

Rio de Janeiro

JARDIM BOTANICO

Da direcção do Jardim Botânico recebemos a seguinte comunicação:

O Instituto de Biologia Vegetal conferirá títulos de conformidade com as seguintes categorias:

a) *honorario*: ao cientista nacional ou estrangeiro, que, de qualquer modo, tenha concorrido para o progresso das sciencias estudadas no I. B. V.;

b) *correspondente*: ao cientista nacional ou estrangeiro que de qualquer maneira colaborar com serviços technicos, enviando-lhes dados scientificos ou material de valor;

c) *benemerito*: a toda pessoa que concorrer de uma vez só, com a importancia de cinco contos de reis ou quantia superior em especie ou objectos;

d) *doador*: a toda pessoa que fizer contribuição em especie ou em objectos, não especificados;

e) *remido*: a toda a pessoa que concorrer, de uma só vez, com a quantia de um conto de reis.

Aos membros do Instituto serão conferidos diplomas de conformidade com as categorias estipuladas nas letras a e e

Os membros benemeritos remidos e doadores gozarão da faculdade de assistir às sessões do Conselho Technico quando reunido para deliberar sobre a applicação das doações.

— Todos os donativos feitos em especie ao Instituto deverão preferencialmente ser realizados por meio de cheques cruzados com a declaração do nome do Banco do Brasil, e a favor do fundo de doação.

Para esse fim todas as quantias que constituirem o fundo serão obrigatoriamente depositadas no Banco do Brasil, em conta corrente, que será movimentada mediante cheques nominaes assignados pelo Director.

— As doações ou legados com applicação especial terão integralmente o destino que fôr determinado por quem as fizer.

— O Instituto poderá pleitear e receber subvenções dos governos estaduais e municipaes que forem directamente beneficiadas pelas iniciativas e serviços.

— No Jardim Botânico, periodicamente, em local adrede preparado, haverá exposições de plantas e flores às quaes poderão concorrer todas as pessoas que se dediquem ao cultivo de plantas floreaes, de ornato e florestaes, quer sejam amadores, floricultores, mercatores ou instituições publicas ou privadas.

Serão admittidas às exposições:

a) flores soltas, ramos, festões, cestas e adórnos de flôres;

b) plantas vivas em geral;

c) collecções de plantas medicinaes;

d) projectos de parques e jardins;

e) ferramentas, utensilios e objectos de arte para jardins.

Os cuidados e conservação das ferramentas e objectos de arte, das plantas e demais productos expostos, competirão aos respectivos expositores.

Toda planta exposta deverá trazer uma etiqueta indicando, além da procedencia, o respectivo nome vulgar e scientifico.

Os productos que forem vendidos, só poderão ser retirados finda a exposição, excepção feita para os que puderem ser retirados sem prejuizo.

Os expositores premiados receberão diplomas correspondentes a medalhas de ouro, prata e bronze.

— Em épocas apropriadas serão instituidas no Jardim Botânico "semanas" de plantas e flôres nas quaes serão apresentadas ao publico collecções vivas isoladas e conjunctos ornamentaes floridos.

As "semanas" serão annunciadas pelos jornaes para conhecimento do publico.

— Os estabelecimentos de horti-floricultura, bem como os de artes decorativas e ornamentaes para jardim, po-

HORTULANIA

RUA DA ASSEMBLÉA, 79 - TELEPHONE 22-0576

Sementes, ferramentas para jardinagem, arvores fructíferas, adubos chimicos, gaiolas. Ovos e aves de raça. Trabalhos em flores naturaes.

Grande chacara de culturas á RUA SENADOR NABUCO, 38 - Villa Izabel

derão ter, no Jardim Botânico, em aéreas que lhes forem reservadas, mostruários permanentes ao ar livre ou em abrigos, das plantas que cultivam ou dos objectos que manufacturarem.

Para as execuções das medidas de que trata o artigo anterior, o Superintendente exercerá rigoroso controle, de molde a estabelecer o valor artístico dos objectos e dos mostruários vivos.

Correrá por conta dos expositores a conservação dos mostruários vivos que forem estabelecidos no Jardim Botânico, sendo vedada a venda ou retirada de qualquer planta.

Os expositores terão a faculdade de fixar junto aos objectos expostos seus nomes, ou dos fabricantes, e bem assim de distribuir aos interessados tabellas de preço.

O Brasil possui o melhor Jardim tropical do mundo. Vossa collaboração contribuirá para conservar esse conceito.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro aguarda o auxílio de todos os brasileiros afim de que possa constantemente elevar o nome que vem mantendo no mundo entre os estabelecimentos congeneres.

O Brasil possui a maior flora e, por isto, espera que todos concorram para o desenvolvimento do Jardim Botânico.

Será de grande valor para a sciencia, a representação do maximo de especimens botanicos, no Jardim Botânico.

O Jardim Botânico receberá qualquer contribuição em especie, plantas, sementes, material para laboratórios, livros, afim de augmentar a sua eficiencia.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro é um mostruário vivo e permanente da inigualavel flora brasileira, exposto aos olhos maravilhados de nacionaes e estrangeiros que nos visitam. Vossa collaboração fará conhecida a flora regional de vossó Estado natal.

A Vinha e o Clima do Brasil

Em 1897, assim se exprimia o sabio Luiz Pereira Barretto sobre a viticultura no Brasil:

"Até ha apenas 10 annos, a cultura da vinha europea era considerada impossivel entre nós. E a razão da impossibilidade era attribuida ao nosso clima.

Ninguém perguntava em que consistia em ultima analyse esse conjuncto de influencias meteorologicas, a que se dá englobadamente o nome de "clima"; ninguém procurava saber si nesse conjuncto havia ou não algum elemento preponderante, como factor nocivo para a pratica viticola, mas modificavel pelos meios a nosso alcance e de somenos importancia sob o ponto de vista da physica geral do globo.

Em todos os espiritos se apresentava a noção de "clima" não como a de uma simples resultante de diversos factores, mas, sim, como a de uma agencia unica, indivisivel, immodificavel e inclemente. A ninguém occorria a ideia de submeter a noção de clima a uma severa analyse, afim de saber si nesse phenomeno complexo entravam ou não elementos, dos quaes alguns fossem beneficos e utilisaveis, e outros exclusivamente maleficos e supprimiveis. Referiamo-nos todos ao clima, como se se tratasse de uma cousa muito conhecida; estavamos todos satisfeitos quando ligavamos a esse grande factor physico toda a razão dos insucessos e mallogros da nossa agronomia. Assim como, outrora, o espirito humano contentava-se com a invocação do *horror ao vacuo* para explicar o facto da ascensão da agua em uma bomba aspirante, assim tambem nos parecia a todos uma explicação perfeita quando attribuiamos ao nosso clima o facto dos nossos mallogros em viticultura.

O nosso "clima" tinha *horror às uvas*... e ninguém ia além na analyse desta materia. Suppondo todos saber perfeitamente, o que é "clima" ninguém desconfiava, naturalmente, da sua ignorancia. Si não podiamos obter uvas, a culpa não era nossa, mas sim... do paiz. O nosso amor proprio não se milindrava, porque, para fazer do nosso paiz um paiz de uvas, seria preciso alterar a inclinação do eixo da terra sobre o plano da ecliptica, e essa alteração da ordem astronomica não está evidentemente ao alcance das forças humanas.

Assim viviamos todos mais ou menos satisfeitos com a nossa impotencia, resignados com a nosso sorte, felizes mesmo por ter café em lugar de uvas. Eramos inconscios da nossa ignorancia; acceitavamos os factos com resignação fatalista. A Europa tinha uvas, porque o clima lhe era favoravel; nós não tinhamos esse fructo, porque o nosso clima nos era infenso. La habitava o *genio do bem*; aqui o *genio do mal*".

Pre-refrigeração e Transporte Frigorífico de Laranjas. Notass obre outras Fructas Brasileiras

Conferencia do Dr. Julio Gonçalves na sessão da Sociedade Nacional de Agricultura, de 11 de Março de 1935

A applicação do frio industrial á fructicultura nacional, cuja utilidade é evidente, constitue um problema fundamental á constante melhoria e conservação das nossas fructas e consequentemente á sua melhor acceitação nos mercados consumidores.

E' a industria do frio, applicada á conservação de fructas, muito complexa e uma das mais promissoras do paiz, pela qual muito pouco ou nada se tem feito.

As fructas tem o perfeito caracteristico de seres viventes; no seu desenvolvimento muitas são as reacções chimicas que podem ser observadas, até mesmo durante o seu transporte e cuja continuação, se não fora o processo de frígorificação, influiria fatalmente na alteração do colorido de sua casca, na estrutura dos seus tecidos, concorrendo para a sua completa deterioração.

Os estudos tem demonstrado que as fructas quando não são colhidas num certo e determinado grau de maturação — verdes por exemplo — não podem absolutamente, quando maduras, apresentar o sabor e o aspecto característicos, inherentes ás suas variedades.

Tenho observado que alguns exportadores de fructas opinam ser de grande vantagem exportar fructas para os mercados exteriores com a coloração entre 30 e 60% em porções communs, porquanto as condições de ambiente durante a viagem concorrem á sua maturação e por occasião da chegada ao porto de destino, tem a cor attractiva que muito as recomenda. Enganam-se por completo, porque ellas além de não adquirirem a cor desejada, perdem peso, motiva do pela evaporação, tornando-se murchas, o que concorre para a depreciação das fructas brasileiras que até então veem conquistando os mercados estrangeiros.

Os resultados provenientes de observações com referencia á alteração do colorido de fructos colhidos com diferentes percentagens de coloração, comprovam o que acima relatei.

As fructas susceptíveis de armaze-

nagem frígorifica que se não destinam ao consumo immediato, devem estar livres de toda e qualquer contusão, fermento, com a casca intacta, afim de evitar pontos de petração de fungos. Devem ser separadas todas as fructas que estiverem supermatu-recidas, pois do contrario deterioram-se.

A energia proveniente das reacções chimicas que occorrem, vem em forma de calor que ainda melhor favorece o ambiente á deterioração.

Apesar dos estudos e observações que venho executando, nenhuma outra causa, até o presente, foi constatada para justificar differente conclusão; pelo contrario, a applicação do frio



Os ferimentos são pontos de penetração dos fungos.

O fructicultor occupa parte proeminente nesse tão importante problema, prestando a cooperação que se faz mister, desde a cultura ao transporte para o exterior.

A falta de cuidado e o pouco caso no manuseamento, selecção e beneficiamento tem sido a causa primordial da deterioração e consequentemente da depreciação das nossas fructas nos mercados consumidores.

A impressão geral é que as fructas, uma vez postas em camaras sob baixa temperatura, para prolongar a sua conservação, ao serem retiradas, respiram com mais rapidez, deteriorando-se mais depressa do que mesmo se fossem conservadas em temperatura commum.

O factor importante que produz a deterioração é a respiração da propria fructa a qual é proporcional á temperatura em que se acha, concorrendo para que o oxigenio do ar em combinação com o carbono, resultante em compostos destruidores.

industrial, segundo factos comprovados em experiencias, tem mostrado o seu effeito benefico, porquanto, prolonga o periodo de conservação das fructas em perfeito estado, retardando o desenvolvimento dos fungos e consequente apodrecimento.

Difficilimo se torna determinar o periodo exacto de conservação de cada fructa nas camaras de baixa temperatura, sem proceder a um certo, determinado e continuado numero de estudos, porquanto o periodo de preservação, além da temperatura, humidade e circulação do ar no ambiente, depende de outros factores como sejam: a) condições de cultura, b) modo e condições de colheita, selecção e embalagem, c) condições no ambiente de armazenagem durante o transporte.

No primeiro caso, podemos referir ao teor de fertilizantes do solo, cuidados que lhe devem ser dispensados, hem como ás arvores durante o seu desenvolvimento, sendo igual-

mente tomadas em consideração as condições climáticas a que estão sujeitas.

No segundo caso, temos a considerar o grau de maturação que deve a fructa apresentar no período da colheita, bem assim o modo de ser colhida, seu transporte do pomar para a casa de embalagem, condições de hygiene, ventilação e luz desta e o processo de manuseamento e embalagem.



Moda como deve ser feito o carregamento de fructas nos vagões. Observe-se a amarração dos caixas.

No terceiro caso imprescindíveis se tornam as experiências pratico-commerciaes baseadas nas observações procedidas nas camaras carregadas com fructas, em temperatura, humidade e circulação do ar diferentes. Constatados os seus efeitos, resultarão nas medidas adequadas, a serem mantidas nos ambientes, consideradas optimas á boa conservação. Evitar-se-á, deste modo, o maximo das perdas até hoje verificadas provenientes da deterioração.

Ja organizei um quadro contendo as temperaturas, humidade relativas e o periodo de conservação das principaes fructas presentemente exportadas pelo paiz. Estes dados representam a media dos resultados obtidos nas experiencias levadas a effecto, demonstrando excellentes resultados. Na proporção que os estudos forem sendo feitos, alterações radicaes poderá soffrer o mesmo.

FACTORES IMPORTANTES NA PRESERVAÇÃO DE FRUCTAS

Na conservação de fructas varios são os factores que devem ser tomados em consideração. Estando, porém, no inicio dos estudos que consistem, deo preliminares sobre o assumpto, resumirei esta palestra apresentando as condições geraes, que devem ser rigorosamente observadas nos ambientes, como sejam:

- a) circulação do ar;
- b) humidade relativa;
- c) temperatura.

O ar atmospherico para a ventilação nas camaras consiste em uma mistura de ar puro (oxygenio 78% e nitrogenio 21%), vapores d'agua, gases, esporos, bacterias e outras impurezas.

A circulação do ar nas camaras é factor de importancia, a sua distribuição feita efficientemente concorre a que a acção do frio se estenda por todas as partes da camara, penetrando nos pontos onde mais se fazem mister os seus effects.

certo modo, controllar a humidade do ambiente.

Humidade relativa é a relação entre a quantidade dos vapores em suspensão no ar ambiente e a quantidade de humidade que o mesmo volume de ar a mesma temperatura e pressão deve ter quando saturado.

Sendo a differença tão diminuta do peso destes vapores aquosos contidos por metro cubico entre os differentes graus, conforme demonstra o graphico, deprehende-se que, não causarão tantos danos ás fructas em conservação nas camaras; o facto porém é que não se deve considerar minutos, mas dias e semanas que permanecem nas camaras sob a acção deste factor que actua de modo lento e de effects grandemente prejudiciaes.

A humidade esta intimamente ligada ao periodo que as fructas podem ser conservadas. Varios são os effects de sua existência no ar, cujas influencias são extraordinarias nos productos fructicolas amazeahados para sua conservação. O desenvolvimento das doenças ou molestias varia segundo o grau hygrometrico e a temperatura do ambiente.

Pouca ou nenhuma importancia se tem dado a esse factor nas camaras de conservação de fructas; razão pela qual temos annualmente prejuizos excedentes á expectativa. Nos frigorificos existentes nesta Capital, São Paulo e Pernambuco, não encontrei uma só camara de fructas, cujo grau hygrometrico fosse considerado optimo; em procedendo ás observações, constatei ser o mesmo elevado ou melhor quasi saturado.



Vagões com telas, desprovidas de isolante na cobertura e lados. Sua eficiencia é diminuta.

proporcionalmente á sua temperatura, razão pela qual para cada temperatura, considerando-se o seu estado de saturação, ha uma determinada quantidade de vapores em suspensão no ar ambiente. O ar em circulação tem uma velocidade optima, de effects beneficos á armazenagem de fructas. Com a sua velocidade pode-se, de

Todas as reacções chimicas no cyclo de vida das fructas, após a colheita, requerem uma certa e determinada humidade. O oxygenio não é o sufficiente ás reacções, senão quando o ambiente dispõe de vapores aquosos.

Esporos estão sempre na atmosphera. Uma vez sendo as condições pro-

pricias á sua acção, as primeiras demonstrações de seus efeitos apparecem nas fructas e se desenvolvem rapidamente, acarretando graves e accentuados prejuizos, razão pela qual é este facto de importancia vital ao desenvolvimento da exportação fructicola.

Ha igualmente relação entre a humidade relativa do ar nas camaras e a estação de maturação de cada producto, razão pela qual para cada variedade de fructa ha uma percentagem optima de humidade e temperatura no ambiente para sua perfeita conservação. Para comprovar esse facto verifiquei que, observando fructas armazenadas em camara cujo gráu hygrometrico era inferior a 75% de humidade, perdiam ellas peso e se tornavam murchas. Da mesma forma observei que, em outras fructas da mesma variedade, armazenadas em camara cuja humidade era superior a 90% desenvolvia-se o bolor.

A solução do gráu hygrometrico para cada fructa em conservação nas camaras é muito complexo, necessitando pesquisas extremamente scientificas, baseadas exclusivamente nas nossas fructas, submettendo-as á frigorificação com observações constantes, afim de determinal-os.

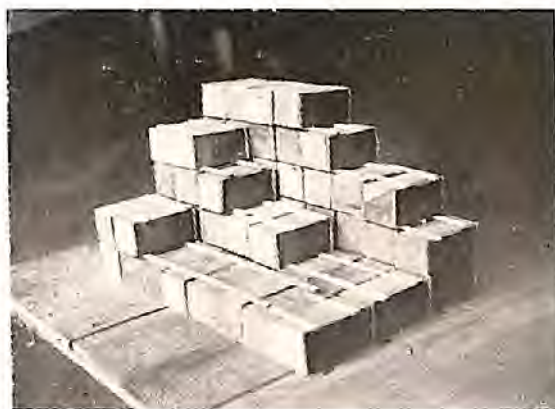
Fructas da mesma especie e variedade nem sempre se conservam nas mesmas condições, pois grande é a influencia causada pelas condições de cultura, como sejam: a) factores climatericos; b) teor de fertilizantes do solo e outros. Motivo este pelo

cação de fructas. Toda e qualquer variação de temperatura, nas acmaras de armazenagem, deve ser limitada ao maximo de 1° C. Para que se obtenha esse resultado, torna-se necessario que o isolamento nas paredes, tectos e soalhos seja perfeito e eficiente. Os aparelhos de controle e as installações productoras do frio, funcionem com perfeição continua.

A temperatura de ambiente sem controle perfeito tende fatalmente a

a accumular-se nas camaras annexas e independentes onde se acham installados os evaporadores.

Cada fructa tem uma intensidade respiradora diversa, facto este dependente e proporcional á temperatura em que se acha. Quanto mais elevada for a temperatura maior é a produção do gaz carbonico e calor, proveniente das reacções chímicas que occorrem e, portanto, menor se



Arrumação recommendavel das caixas de fructas nas camaras frigorificas.

variar. Sendo a quantidade d'agua, em suspensão no ar atmospherico dos ambientes, proporcional á temperatura, ao ser esta declinada o excesso de vapores (em suspensão) é condensado e depositado nas proprias fructas ou no soalho da camara, tor-

torna o seu periodo de conservação em perfeito estado.

Os estudos scientificos teem recommendado a installação nas camaras frigorificas de aparelhos para produção de ozona, cujo processo consiste em fazer passar o ar atravez de placas electricas.

A ozona que tem propriedades oxidantes, entrando em combinação com o ar em circulação no ambiente destroe as impurezas que nelle geralmente occorrem. A ozona pode ser expressa chimicamente da forma seguinte: $O^2 + O = O^3$ cujo terceiro atomo se separa facilmente e combina com outros corpos produzindo os efeitos desodorantes e purificadores do ar atmospherico.

FRIGORIFICAÇÃO

O objectivo das camaras frias é a preservação das fructas, de modo a prolongar o periodo de distribuição das mesmas ao consumidor. Para o completo exito desse methodo, certas condições de ambiente como sejam de temperatura, humidade e circulação de ar, são imprescindiveis afim de limitar a acção deterioradora, bem como retardar o desenvolvimento de micro-organismos.

A variação da temperatura no ambiente, que deve ser uniforme, diminue extraordinariamente o cyclo de vida das fructas em perfeito estado, porquanto produz mudanças constan-



Vagão dotado de venezianas, cujos efeitos benéficos limitam-se ás caixas que estão proximas ás mesmas.

qual é de maxima importancia a independencia completa de cada camara de um entreposto onde as fructas de zonas diferentes exigem numero de frigorificas-hora, muitas vezes diversos para sua perfeita conservação.

A temperatura constante é factor imprescindivel ao exito da frigorifi-

cando ambiente improprio e concorredo para que seja alterado o seu estado de sanidade, ao chegarem ao destino.

O systema de conservação de fructas, pela circulação do ar frio forçado, evita esse accumulo d'agua em forma condensada nos ambientes em que ellas se encontram, passando

tes no grau hygrometrico do ambiente, tornando-o favoravel á acção de fungos.

A exportação fruticola pelo porto do Rio de Janeiro já está quasi no seu limite, em virtude da falta de frigorificos nos portos, devidamente aparelhado com capacidade e equipamento mechanico e demais requisitos a que se faz mister para conservação e armazenamento de fructas a serem embarcadas.

O equipamento, a que me refiro, não se limita ás installações para a

- 2) prolongar o periodo de consumo;
- 3) aproveitar o maximo da produção e
- 4) manter a boa cotação e estabilidade de preços.

O problema da frigorificação de fructas é vasto. Compreende elle varias questões que requerem tempo, estudo minucioso e uma acção cooperativa entre os technicos e os productores.

Quando se nos apparece um problema a resolver como este é praxe

A construção dos frigorificos regionaes não pode ser fomentada presentemente porquanto para sua eficiencia seria necessaria a construção de vagões com installações frigorificas para o transporte da fructa até o caes do porto sem que houvesse no trajecto qualquer oscillação da temperatura que devia ser mantida constante e igual a do pre-resfriamento feito na camara. Em caso contrario seriam nullos os effeitos beneficos produzidos pela armazena-



Vagão experimental recentemente construido pela Companhia Mogiana para transporte de fructas.

produção do frio, mas também aos methodos de descarga de fructas dos vagões procedentes do interior, destinados ao frigorifico, e aos de embarque para as camaras de bordo. Os serviços são actualmente feitos por processos archaicos, que sobre serem morosos concorrem ainda para que as fructas sejam exportadas a temperaturas diversas; além disso sujeitas a pessimo manuseamento, que lhes é dispensado resultando em effeitos desastrosos.

A frigorificação está intimamente ligada ao desenvolvimento da industria fruticola no Brasil. A sua applicação de modo sabio e efficiente concorrerá a:

- 1) controlar a exportação de fructas;

geral entre nós organizar um programma extenso cuja execução está além das nossas possibilidades. Resultado: — iniciamos e logo depois vemos a descontinuidade pelo abandono completo da iniciativa acarretando serios e graves prejuizos.

O problema por exemplo da frigorificação de fructas destinadas a exportação requer uma organização perfeita comprehendendo:

- 1) Frigorificos regionaes — localizados nas zonas productoras.
- 2) Transporte terrestre em vagões proprios.
- 3) Frigorificos e portuarios e
- 4) Vapores com camaras frigorificas proprias ao fim a que se destinam.

gem em baixa temeperatura nos frigorificos regionaes.

Estas installações frigorificas nos vagões acarretariam uma elevada despesa que em absoluto não seria recompensada.

Outro facto importante que merece ser mencionado é que as zonas productoras do Districto Federal estão localizadas mui proximo ao porto de embarque; todo o transporte poderá ser feito no tempo medio de treis horas, de preferencia a noite quando a temperatura atmospherica é mais favoravel a sua conservação.

Com excepção da Companhia Paulista de Estradas de Ferro as demais companhias no Brasil não tomaram ainda na devida consideração a im-

portancia e a necessidade urgente de se proverem de vagões em numero sufficiente apropriados ao transporte da nossa produção fructicola.

Não se pode absolutamente conceber que sendo tão elevada a exportação de fructas pelo porto desta Capital, as estradas que o servem não disponham de um unico vagão especialmente construido com receptores e exhaustores de ar para o transporte de fructas. Estas estão sendo transportadas em vagões completa-

de submeter a fructa sem a minima perda de tempo, após a sua colheita, a uma temperatura sufficientemente baixa, com o fim de diminuir a sua intensidade respiratoria como tambem evitar o desenvolvimento de qualquer deterioração causada pelas infestações e fungos.

A efficiencia da pre-refrigeração depende essencialmente da rapidez em baixar a temperatura sem que a fructa soffra choque algum proveniente da differença brusca de tempe-

midores, com os característicos de perfeição e sanidade.

Poucos são os exportadores que já consideraram a importancia do pre-resfriamento rapido e efficiente, que além de evitar a deterioração conservando o bom aspecto da fructa, compensa as despesas feitas com elle favorecendo o aproveitamento maximo das fructas.

A pre-refrigeração das fructas em absoluto não é dispendiosa.

Examinemos o problema: — segundo dados obtidos em Londres e em Southampton, a fructa que daqui é exportada ao chegar lá apresentam uma perda, raramente inferior a 3% — digamos então ser em media 5%. Façamos então o calculo: em cada 1.000.000 de caixas 5% cor-pouco concorrem a uma uniformidade de temperatura interna nos vagões. Considerando que o percurso do ar em circulação motivado pelo deslocamento do trem é o que menor resistencia offerece, nenhuma duvida ha que o effeito benefico limita-se ás caixas que estão em seu contacto.

As pesquisas feitas comprovadas pelos graphicos delineados pelos thermographos postos nos differentes tipos de vagões actualmente usados no transporte de fructas demonstraram que o tipo de vagão da Companhia Paulista dotado de receptores e exhaustores de ar é o mais efficiente bem como os mais economicos sob o ponto de vista de construção.

A providencia que mais se impõe é junto as companhias de estradas de



Vista de uma secção longitudinal. Carregamento feito num vagão.

mente fechados e muitas vezes em vagões de ferro destinados ao transporte de inflamaveis tal é a deficiencia do numero de vagões em trafego.

Deante de factos como este em que condições chegará tal fructa ao mercado consumidor? Poderá alcançar bom preço? — Difficilmente, porquanto por mais efficiente que seja o frigorifico a que fôr submetida, após semelhante meio de transporte, terá o seu periodo de conservação, em perfeito estado, exclusivamente limitado.

Algumas estradas de ferro tem vagões com venezianas, ellas porem mazenada nas camaras frigorificas para serem pre-resfriadas.

2. Uma vez feito o carregamento os portões e as camaras seriam fechadas e o funcionamento das installações frigorificas seria immediato, produzindo ar frio para circulação interna, afim de manter a temperatura optima á sua conservação tão constante e uniforme quão possivel.
 3. Diminuiria o numero de fructas deterioradas que geralmente se observa ao chegar o vapor ao porto de destino onde são as fructas descarregadas.
 4. Acabaria com o pessimo, abrupto e inadequado manuseamento das caixas constatado por occasião dos embarques.
- O pre-resfriamento é o methodo

ratura, e conservá-la constante e uniforme.

Caso seja retardada a applicação do processo de resfriamento resulta muitas vezes na neutralização de uma parte do benefico que se deseja obter em prol da fructa.

As experiencias e pesquisas que tenho levado a effeito em baixa temperatura comprovaram retardar con-

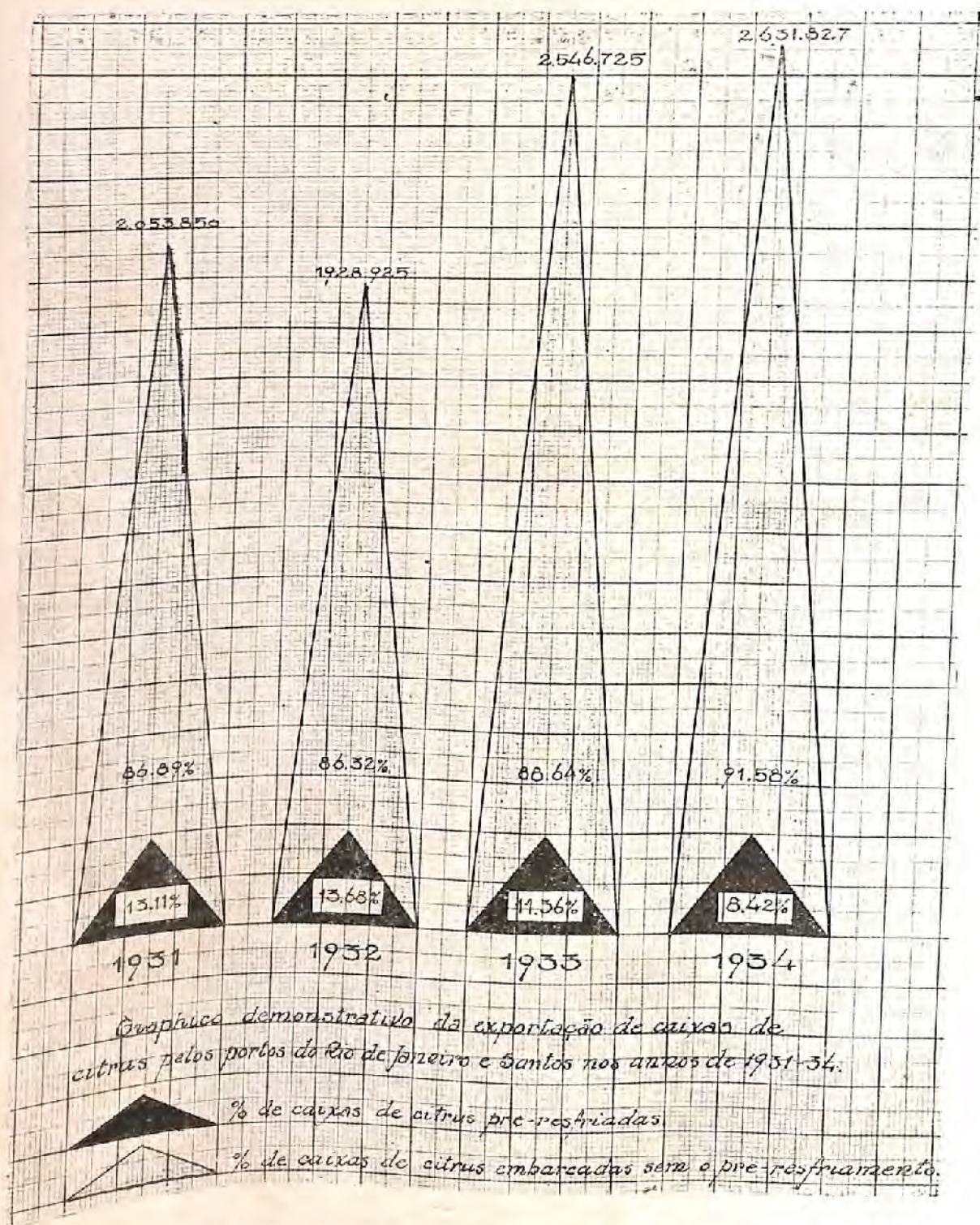


Secção transversal da arrumação no vagão. Observem-se os canaes deixados para a circulação do ar.

sideravelmente o desenvolvimento de micro-organismos, sem prejuizo qualquer da sua estrutura, quer da casca quer da polpa sendo, portanto, indispensavel o resfriamento das fructas no minimo espaço de tempo, concorrendo assim á sua conservação prolongada, resistindo aos longos transportes por via ferrea e maritima, até chegar aos mercados consu-

ferro com a finalidade de se conseguir a construção de vagões próprios ao fim a que se destinam concorrendo a que a circulação do ar resulte numa temperatura constante e uniforme durante todo o periodo de transporte.

Convem mencionar que estes vagões são mais efficientes quando não soffrem interrupção alguma durante



o trajecto da viagem, pois a circulação do ar interna é proveniente do deslocamento do trem. O vagão uma vez parado muito pouco differem as condições de temperatura interna dos outros.

O estivamento das caixas quer

nos vagões quer nas camaras deve obedecer a uma norma tecnica afim de evitar que ellas sejam arumadas sem os preceitos de ventilação e temperatura uniforme atravez de todo o carregamento, factores estes imprescindiveis. Ora, se isto não fór cui-

dadosamente observado o ar é impossibilitado de desempenhar a sua acção refrigerante, no caso das camaras frigorificas a frigorificação é retardada e, logicamente, no ambiente formam-se bolsos de concentração de calor, gaz carbonico, oriundo

da respiração das fructas, que tornam propicias as reacções químicas, e desenvolvimento de fungos.

Outro factor importantissimo ao desenvolvimento da nossa exportação fructicola, digno de ser tomado a serio e de modo urgente é a construção de frigorificos tanto no porto desta Capital como nos demais portos exportadores de fructas com installações, capacidade, funcionamento e aparelhamento de embarque que satisfaçam as nossas necessidades.

Os efeitos benéficos produzidos produzidos pelos frigorificos efficientes

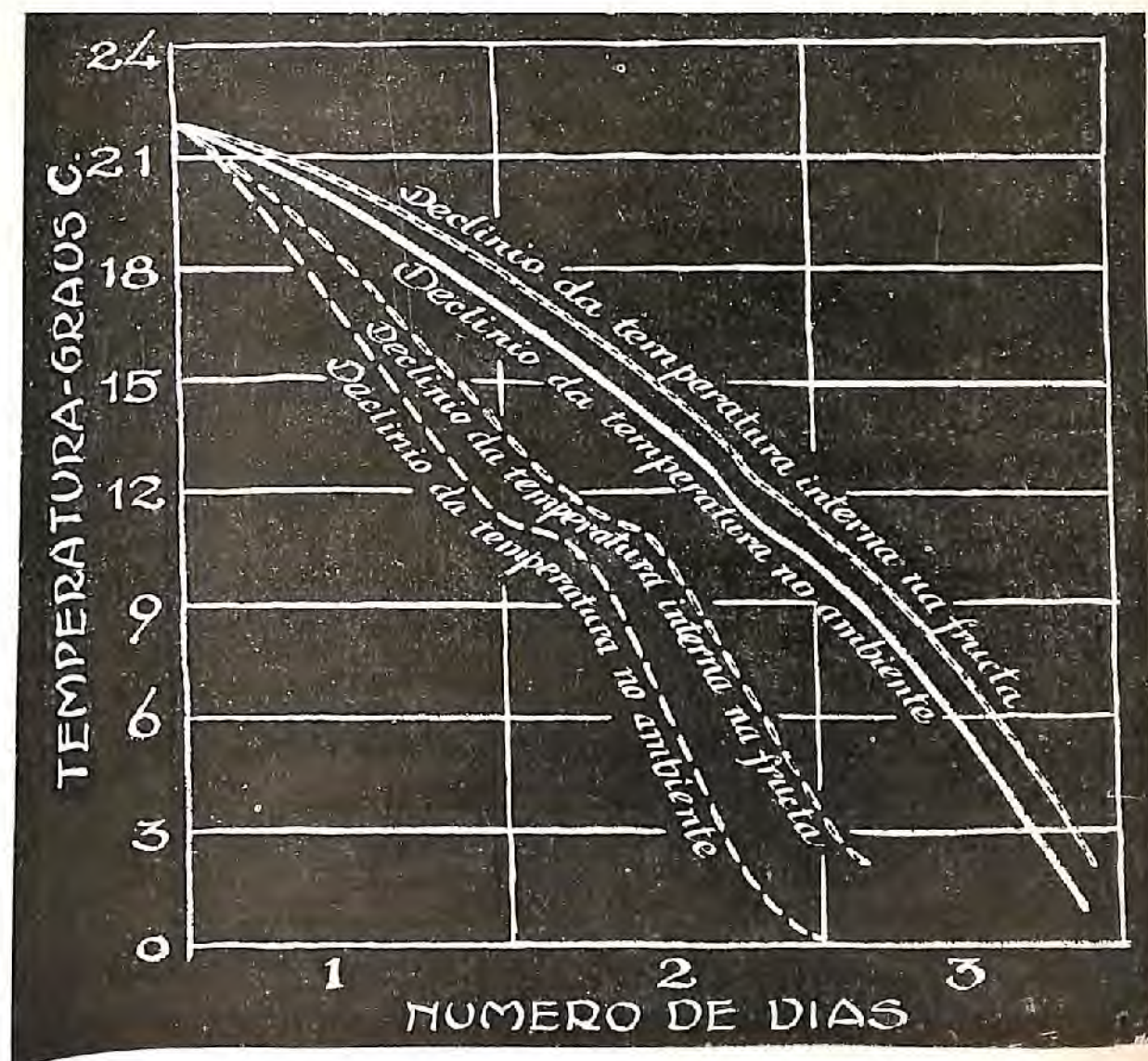
temente construídos e equipados, em resumo são:

1. Eliminação da demora nos embarques, porquanto a fructa chegaria antecipadamente a entrada do vapor no porto e nestas condições seria a mesma arresponde a 50.000 caixas de laranjas deterioradas.

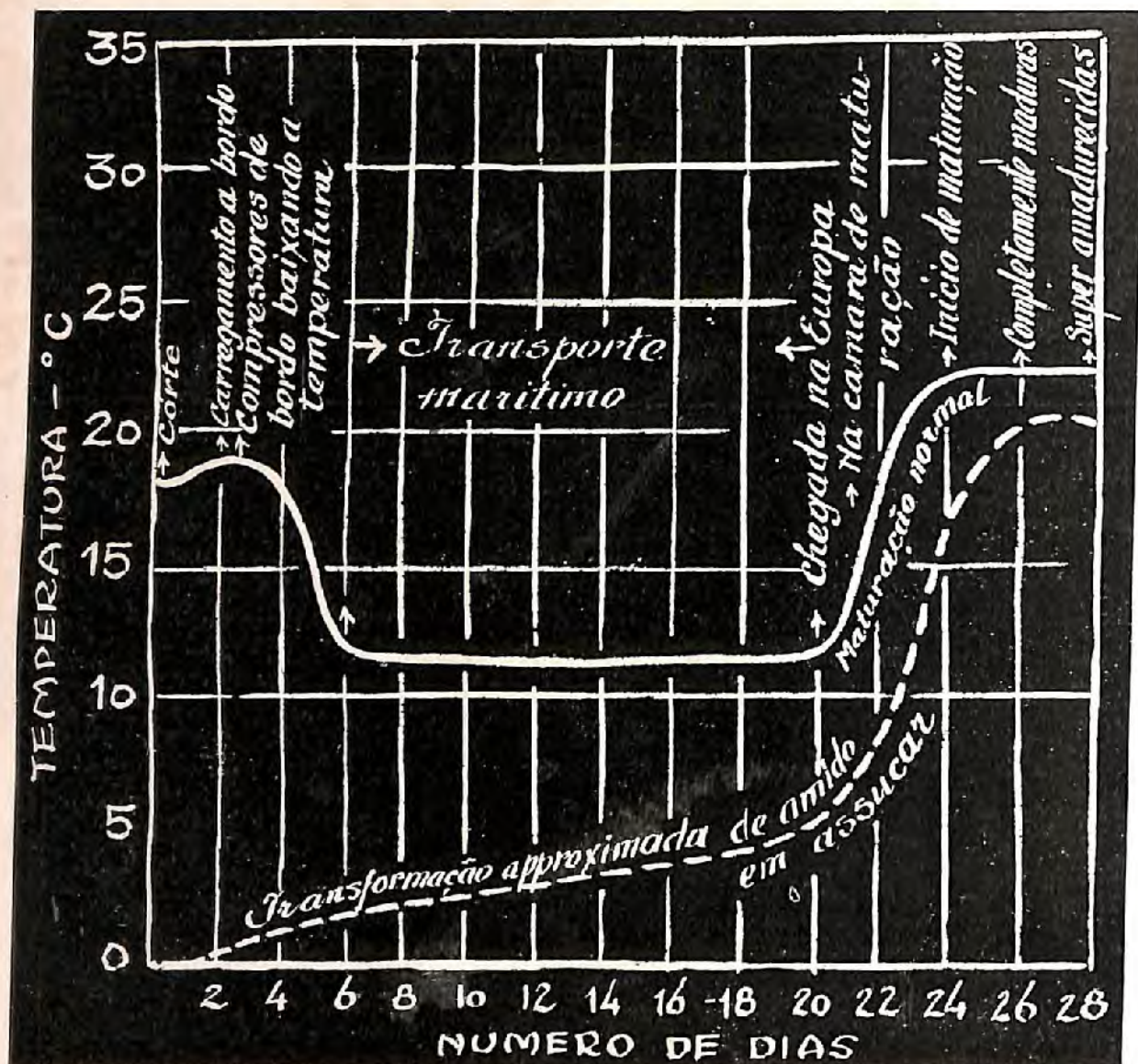
A pre-refrigeração efficientes diminuiria este coeficiente a 0,5% e até a 0% desde que os citricultores, as companhias de estradas de ferro e companhias de navegação, prestando a devida cooperação, evitassem o mau manuseamento e permanência da fructa em ambiente improprio.

Os lucros provenientes correspondentes as caixas cuja deterioração seria evitada, pagariam em limitado espaço de tempo a mais moderna installação frigorifica.

O pre-resfriamento das fructas não poderá ser, ainda, absolutamente feito no Brasil devido a grande deficiência de frigorificos em condições de satisfazerem esta medida de comprovada utilidade a nossa exportação fructicola, razão pela qual se impõe medidas urgentes e immediatas com o fim de solucionar este tão importante problema, do contrario teremos limitada a nossa exportação fructicola.



Demonstração do declínio da temperatura interna verificado nas laranjas (typo 176) segundo o controle feito no temperatura ambiente.



Bananas - do pomar ao mercado consumidor.

SENHORES AGRICULTORES!!! FORMICIDA EM PÓ
USEM SÓ

"Morte às Formigas"

"Marca Registrada"

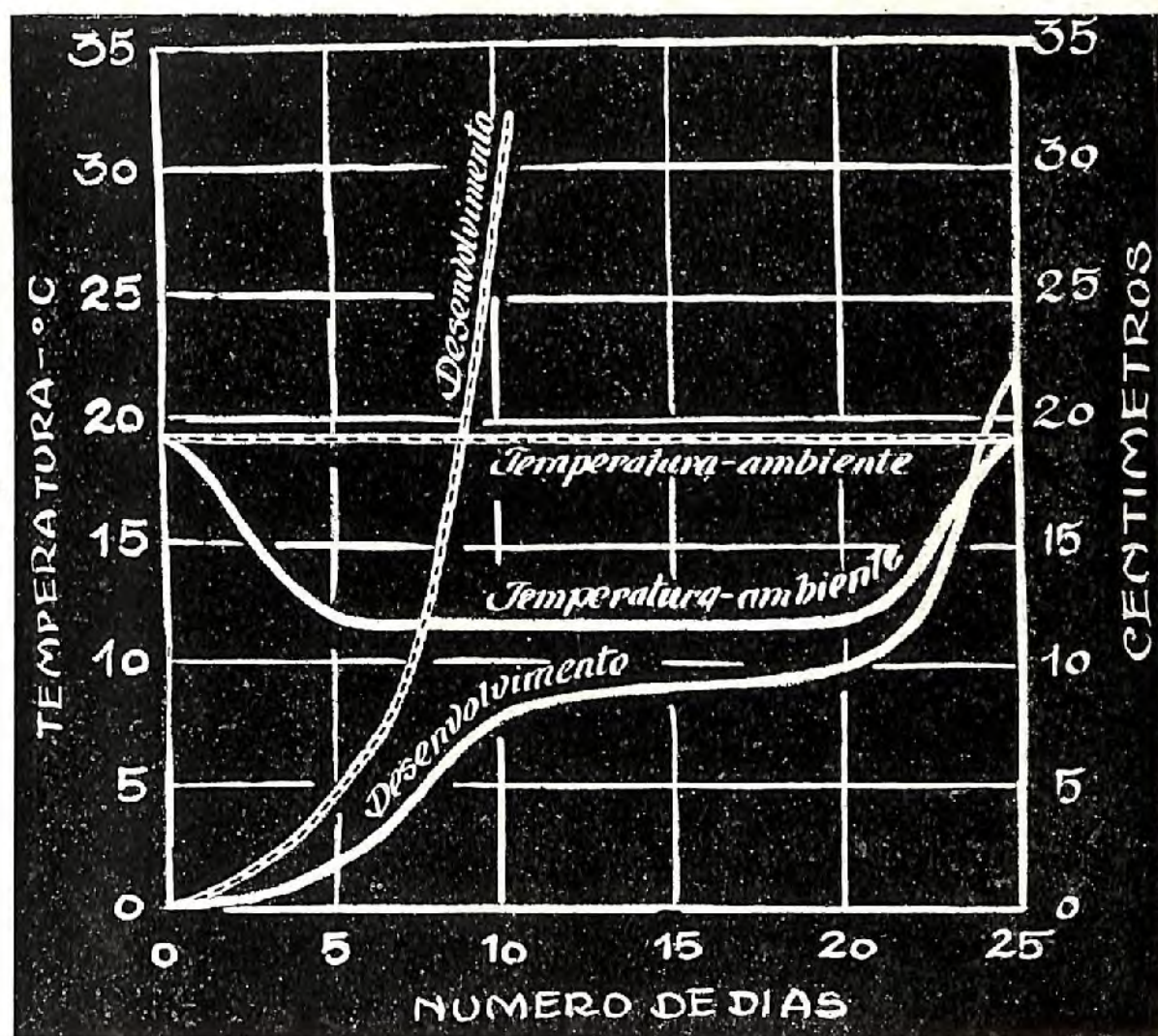
50 RÉIS é o custo máximo de cada litro do melhor formicida que existe! Uma lata de formicida concentrada em pó, marca "Morte às Formigas", dá para 120 litros de solução super-extra-forte, infalível na extinção de formigueiros.

FABRICANTES QUÍMICOS

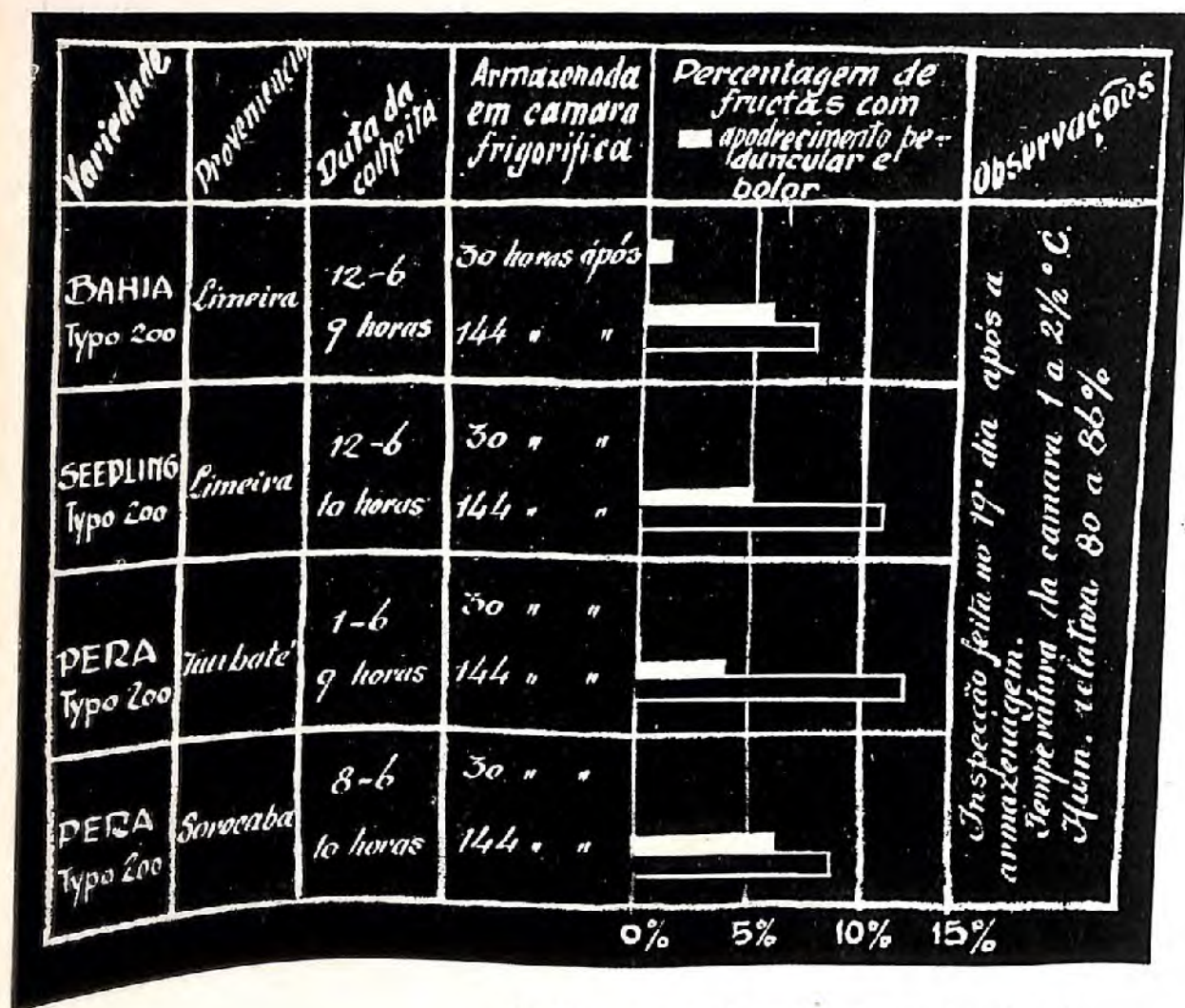
DR. OLESEN & Cia. — Rua S. Pedro, 115 — Rio de Janeiro

Deposítarios em S. Paulo: Comp. Ind. e Mercantil "CASA FRACALANZA" Rua Piratininga, 96

Vende-se em toda parte - Exigir sempre a marca "MORTE ÀS FORMIGAS" - Uma lata pelo Correio..... 65



Desenvolvimento dos fungos verificado no engão do cacho de bananas.



Quadro comparativo da deterioração ocasionada pela demora na armazenagem frigorífica de citrús.

CREDITO AGRICOLA

LUIS AMARAL¹

Director do Serviço de Assistência do Cooperativismo, de S. Paulo

1 — *Necessidade de credito*

Focalisemos a parte paulista de grave problema brasileiro: a valorização das pequenas actividades rurais e, por meio dellas, devidamente valorizadas, o reerguimento das zonas velhas, hoje a caminho do abandono, consequente ao deslocamento de suas populações.

O Departamento de Assistência ao Cooperativismo foi ironizado, certa vez por estar fazendo cooperativismo de "perfumarias", isto é, por ter iniciado suas actividades pela organização dos pequenos productores, em vez de, logo de inicio, dar tiro grosso: de, por exemplo, exhibir os graphicos (mesmo no papel, em rodellas e triangulos), representativos da organização de toda a produção cafeeira, levada a effeito de um só folego. Todavia, não modificou em nada sua directriz. O bom senso está farto de mostrar que é de cima para baixo a trajectoria dos que começam no começo. Na roça, ha casos em que não ha necessidade de seguir-se a rota costumeira; roçar, semear, cultivar e colher. Esta, porém, é a rota normal. Só pegam de galho as plantas sem vergonha. O cooperativismo enquadra-se no primeiro caso e foge ás leguas do segundo. Além, disso, não temos a graça de ser poetas. Prosaicos, gostamos da companhia dos economistas, para os quaes o problema básico dos paizes agricolas é a organização das pequenas actividades rurais.

Primeiramente, porque pouco ha a fazer com os grandes productores, com os boiados da agricultura. Tem sua organização propria, amoldada na orthodoxia capitalista. Fortes, imaginam não precisar da união arma suggerida pela solidariedade humana para fortalecer os fracos. A seguir, porque os grandes producto-

res são em quantidade infima, comprada á infinita quantidade dos productores modestos. Sobre tudo, porque não é possível fazer de cada campezino um grande productor, ao passo que é factível obter-se enormes resultados pela arregimentação do maior numero possível de pequenos productores.

Podem-se-ia tambem appellar para um motivo de ordem sociologica: são perigosas aos paizes novos as grandes explorações monoculturas. Os povos jovens não sabem enfrentar as grandes prosperidades inopinadas, consequentes a essas explorações. Forçosamente immediatistas, os seus governos não sopitam a tentação de torcer o pescoço á gallinha dos ovos de ouro. Os esbanjamentos dos particulares, as tributações para effeitos sumptuarios e — accrescente-se a parte que sabem chamar a si os banqueiros internacionais, tudo isso faz como que do Ouro dessas phases grandemente prosperas (quasi accidentalmente prosperas) fique apenas o azinivare. Monumentaes theatros fechados, immensos hotéis despovoados, esmagador serviço de dividas...

Exemplos?

A começar pelo Norte. Quarenta e cinco milhões de kilos de borracha por anno. O kilo a dezoito mil reis. O cambio a doze. A prosperidade do café é nada, se se comparar aos tempos aureos da borracha. Tudo era borracha. Orçamentos elasticos como a propria borracha, de que suprimamos o mundo com 10% de suas necessidades. Até hoje, passando pelas culminancias do café, hoje nunca exportamos tanto, nem coisa approximadamente parecida.

Ia-se curar uma dor de dentes a Paris, extrahir-se um appendice em Viena. Madava-se roupas a lavar em Lisboa e compravam-se verdura no Minho. Basilica de Nazareth

Theatro da Paz, Santa Casa, institutos monumentos, hotéis colossaes. A tendencia dos povos jovens para o abuso. O inevitavel immediatismo dos governos: impostos sobre impostos até 33% "ad valorem". E a derrocada. Pouco importa que de La Condamine e Fresnau a Michelin e Firestone decorram decadas: que do rudimentar invento de Priestley — da gomma elastica para apagar erros a lapis, ás realizações que Steven e Parrit descrevem, tenha sabido a borracha da phase empirica de objecto de curiosidade para a cathedra de materia prima de applicação generalizada; que tenha deixado de apagar simplesmente os riscos da escripta para vir a riscar nas estradas os sulcos do progresso. Pouco importa. Como fornecedores ao mundo, cahimos de cem por cento a tres por cento. O Norte abandonou as alfices minhotas e voltou ao asahy.

Podemos escalar no Nordeste. Trezentos milhões de kilos de algodão, de 1871 a 1880. Posteriormente, muito mais ainda. Tudo era algodão e tudo corria na maciota. Gastava-se de mais. Depois o fallah egypcio nos deixou fóra de concorrência, com o "Sekelarides" e o "Sea Island" fulminou o nosso "Serido". Caímos até aos seis milhões de kilos, incluídos aquelle que saem aqui a tres mil reis e voltam importados pelos industriaes a vinte e cinco.

Ainda no Nordeste. Com o assucar aconteceu a mesma coisa que com a borracha e o algodão.

Desçamos. O café. Mas, em nome da caridade christã, não relembremos o tempo em que os fazendeiros da Paulista, da Mogyana e da Araquarense habitavam os Campos Elyseos daqui e os Champs Elysees de Paris. Refiramos apenas de passagem que as cruciantes difficuldades

que arrazam actualmente os governos têm suas raízes naquellas phases grandemente prosperas, de empréstimos faceis.

As grandes explorações, de resto, permitem isso: que, apesar da existência de grandes fortunas, seja generalizada a pobreza, seja mesmo de miséria a condição da vida rural. Ora, por mais obras sumptuarias que ostente, não é rico o paiz agrícola onde seja de miséria a condição da vida rural. Ou se organiza a pequena produção — a que pela sua generalização e pelo facto de estar ao alcance do incola em geral, constitue a verdadeira riqueza das nações agrícolas — ou se vive nas alternancias de prosperidades desordenadas (todo mundo dedicando-se á actividade rendosa do momento, sem estar em condições technicas e, em consequencia, levando o producto ao descredito pela má qualidade) ou se agoniza nos estertores das crises de superprodução (porque todo mundo se dedicou á actividade rendosa do momento, sem considerar as necessidades do consumo).

A democracia eleitoral pôde fallar como elemento assecuratorio de estabilidade politica. Temos visto que falha ás vezes. Existe, porém, uma democracia que não falha como elemento fixador de ordem social e de prosperidade: a democracia economica, cuja essencia é esta: na solução dos problemas basicos, com pequeno numero de grandes. Os grandes empresarios de riquezas só consideram seus pontos de vista individuais e, não raro, agem de modo opposto aos interesses geraes. Sem principio basico é aquelle conselho cynico de Guizot: *enriquecei-vos*, ao qual não raro juntam, como appendice, o não menos cynico postulado de Luiz XV: *depois de mim, o diluvio*. Esterão certos, no seu ponto de vista, quanto ao conselho do Ministro, embora errados quanto ao exemplo do rei. Porém ao poder publico, onerado com o dever de zelar pela collectividade, cumpre fugir ao individualismo egoista e adoptar a sociologia inspirada na caridade

christã, afim de evitar que, nada tendo a perder, o povo se incline para o collectivismo, no objectivo de misturada a sua injustificada miséria á muitas vezes injustificada opulencia dos ricos, conseguir a media utopica, com que lhes acenam os reivindicadores extremistas. Têm de fazer e fez Hindenburg aos camponeses das regiões fronteiriças de invasão; proporcionou-lhes o meio de possuir alguma coisa, afim de que, defendendo o que era delles, defendessem com mais alma, mais immediatamente interessados, o que era de todos — a Patria.

De resto, os governos vêm — pelas consequencias ora sobre elles desencadeadas, dos erros suggeridos pelo immediatismo a seus antecessores — que estão destemperadas, fundidas, inutilizadas as armas até hoje brandidas contra as tenias do Thezouro: a majoração dos tributos novos, e os empréstimos. Porque já ultrapassaram a capacidade do contribuinte, os primeiros são recebidos com reclamações das classes, cada vez que se reforçam, e quasi sempre os poderes publicos têm de voltar atraz, embora sacrificando os planos orçamentarios sobre os quaes haviam baseado sua administração. Quanto aos empréstimos, nada mais tendo a empenhar, não encontramos quem ainda nol-os faça em condições accetaveis. Estamos vivendo, no presente, aquelle futuro sobre o qual tanto sacámos no passado sem ter tido o cuidado de fazer com que simultaneamente com os onus consequentes, espoucassem tambem, feitas realidades, as possibilidades potenciaes que os haviam autorizado.

Entretanto, não é mais possivel a existencia de governos que, ao fim do mandato, possam apenas repetir o "Je me suis tenu debout" de La Fayette. Os vertiginosos tempos actuaes não comprehenderiam governos que apenas conseguissem sustentar-se. Ou realizam; ou resolvem os problemas instantes — ou não aguentam, não prevalecem. Evidentemente, porém, não se levam a cabo sem recursos financeiros as realizações necessarias. Nem se resolvem problemas sociaes sem meios e-

conomicos. Então, a coisa se põe muito logicamente: creem-se os recursos, faça-se nascerem os meios economicos. Mesmo porque não ha um só problema dessa natureza que se possa classificar de insolúvel, neste Brasil de recursos abundantes.

Até agora, temos nos coberto de glorias faceis, produzindo por produzir, num paiz onde "tudo dá"; produzindo destructivamente, de tal modo que "toda a nossa apparente vitalidade consta, de extremo a extremo do paiz, da extracção de productos e de limitado esforço da exploração extensiva, em que a nossa terra, vae cedendo tudo quanto possui em riqueza natural, ao alcance da mão ou de rudimentarissimos processos de trabalho, com vertiginosa desvalorização, ainda não attin-gida — a não ser no valle da Mesopotamia — em regiões já exploradas ha muitas dezenas de seculos". De paiz agricola, só temos a contingencia, a fatalidade de o sermos, pois nada vale economicamente um paiz agricola sem agricultura organizada.

Se, para o presente, esta situação é, talvez, nossa unica esperança. Porque nos constrange a mudar de rumo, a abandonar o immediatismo. Acuados pelas dificuldades, os governos vêem-se obrigados a crear recursos, a fazer nascerem os meios economicos. Em outras palavras: a fomentar a organização da produção. Não se vae plantar mais o café, para os fogos da Allemôa e da Lapa. O que se pode augmentar em produção algodoeira, não é proporcional ás nossas deficiencias financeiras. Então, vamos generalizar a produção. Se não podemos transformar cada camponez em grande productor, nem em grande proprietario, valorisemos a pequena produção e a pequena propriedade, pela organização. Organização cooperativa.

Aliás, o problema rural paulista apresenta um aspecto grave: o despovoamento de certas zonas. O chamado Norte e a Bragantina caminham para a transformação em desertos, inuteis á economia do Estado. Desmoverse antes um meio efficiente de fixação das suas populações.

Já não attrahem capitaes. Nellas não são mais possíveis as grandes explorações. Apesar disso, não devem ser eliminadas das possibilidades economicas estaduaes. O unico meio de evitar que se complete a evasão, o nico meio de fixar nellas as suas populações e attrahir outras, e crear ali as pequenas industrias ruraes subsidiarias. A apicultura, a fructicultura, a avicultura, a sericultura—tudo isso, que, nos paizes de producção agricola organizada, vale fortunas — podem vir a ser fontes novas de riquezas nessas zonas velhas e desvalorizadas. O cooperativismo paulista já tem autoridade para falar na transformação de carrascaes em fontes de riquezas, porque, entre outras coisas, já pôde mostrar aquillo, pelos economistas chamado "cinta dourada", que se fecha em torno a Capital, em terras até o anno passado tomadas por barba-de-bode. Suba-se a um arranha-céu e veja-se como os arredores da Paulicéa se transformam em culturas magnificas, asseguradoras de productos frescos e baratos. O Departamento de Assistencia ao Cooperativismo poderá fornecer a nominata da maioria desses pequenos lavradores: pertencem a cooperativas productoras; e isto é que tornou possível a transformação.

Amparar as populações de zonas que decahiram em consequencia á pratica extensiva da agricultura em assistencia technica, e devido ás tentações que a zonas mais novas chamaram os operarios ruraes, seria um dever. Antes de tudo, porém, constitue acto de estadistas habéis e patriotas. Revigoremos as possibilidades economicas dessas zonas, afim de darem ellas ao Thesouro o pabulo que elle não encontra sufficientemente nas grandes producções, nos

cafezaes, nos algodoeas e nas industrias. Convencidos de que o Estado só será real e estavelmente prospero se a prosperidade fór coisa generalizada entre os agentes da producção, preparemos o ambiente para a prosperidade: organizando.

Se se trata de incorporar ao concerto economico os modestos agentes da producção; se se trata de restaurar zonas empobrecidas ou de capacidade economica diminuida, uma difficuldade apresenta-se logo, bem comprehensivel: com que recursos? Realmente, toda organização requer mobilização de recursos. A organização agricola cooperativa poderia synthetizar-se da seguinte maneira, quanto a seus objectivos.

1º — Valorizando, pela união, os trabalhadores do campo, emancipal-os de certos parasitas, que, a caminho dos mercados consumidores, sugam a maior parte dos fructos de seus esforços. Objectivo mais que legitimo e mais que justificavel, porquanto não é para si que trabalha o agricultor isolado e sem defesa: é para o intermediario, que faz fortunas rapidas, enquanto continua precaria a situação da grande maioria dos productores.

2º — Tornar possível — pela assistencia technica, pela propaganda educativa, e pelos melhores resultados economicos obtidos (varias publicações mensaes do Departamento de Assistencia ao Cooperativismo esclarecem todos estes pontos, mostrando como a organização cooperativa actúa em tal sentido; assim, admittamos como demonstradas essas premissas, afim de passarmos logo ás illações) — tornar possível o aperfeiçoamento da producção, para que se intensifique o consumo, e se conquistem novos mercados, afim de evi-

tar os phenomenos de pseudo-superproducção, pois esta as mais das vezes não passa de deficiencia distributiva.

Como se vê, trata-se de substituir órgãos. Órgãos viciados ou estragados, por órgãos rectificadoss, perfeitos. Órgãos existentes, por órgãos a crear-se. Haverá despesas. Indispensaveis, portanto, os financiamentos, já que, como resalta da exposição inicial da materia, se vae trabalhar com elemento humano modesto, necessitado de armas para lutar pela economia do Estado. É certo que se perde a maior parte dos productos do incola; é certo que, sem estímulo e sem recompensa, elle não produz o quanto poderia e deveria produzir; é certo que, escravizado aos agentes intermediarios, recebe preços pouco superiores aos do custo e muito inferiores ás suas necessidades domesticas e ás do aperfeiçoamento da producção. Porém, não é menos certo que, se se emancipa desses agentes, necessita de novo órgão que o ponha em comunicação com o consumo. Se se une aos vizinhos, necessita de estabelecer ligações. Se quer aperfeiçoar a producção, tem de adquirir recursos para isso. Em outras palavras: a sociedade cooperativa de producção agricola, que, dirigida a administrada por productores, age em nome delles, tem de dar-lhes os meios mecanicos e chimicos de aperfeiçoamento da producção; e tem de estabelecer, entre elles e os consumidores, uma rede de comunicações pelo menos igual a que elles perdem ao desligar-se dos intermediarios.

Os financiamentos são indispensaveis, porque — repita-se que se trata de incorporar ao concerto economico elemento humano modesto, necessitado de armas para lutar pela

FRANCISCO
GIFFONI & CIA.

AS CRIANÇAS DE PEITO CUJAS MÃES OU AMAS
SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
FICAM BELLAS E ROBUSTAS

Rua 1.º de Março, 17
Rio de Janeiro

economia do Estado — não é possível exigir que incolas de regiões empobrecidas realizem imediatamente vultoso capital, nem é possível, muito menos, forçar a natureza das coisas, e conseguir que populações pobres de momento para outro deixem de ser imediatistas ao ponto de verter contribuições mensaes durante dois ou tres annos, para só depois desse tempo começar a colher os primeiros resultados. O processo é exactamente inverso: saboreados os primeiros resultados as populações pobres dispõem-se a qualquer sacrificio, no sentido de custear a organização; com facilidade admittem o pagamento desse custeio simultaneamente com a propinação dos primeiros resultados; mas, não sabe trabalhar só para o futuro. Nem pôde, porque é necessario viver o dia de hoje, e do passado nada se conseguiu guardar para o presente. Além do mais, a falta de policiamento do meio conduziu-nos a isto: entre nós, as boas doutrinas têm de ser corroboradas immediatamente pelos fructos annunciados em seu nome, porquanto o meio está escarmentado pelos logros dos labiosos que, após haver semeado promessas, colheram para si mesmos todo o trigo e deixaram para os pobres incolas só o joio.

O problema, que ora se ventila, é dos que não se resolvem só mediante a iniciativa particular. É indispensavel a collaboração dos poderes publicos, que na solução delles têm particular interesse, de ordem economica e social. De resto, uma das finalidades da organização cooperativa de produção agricola é esta: as cooperativas são agentes de ligação entre os poderes e os productores; dirigidas e administradas pelos proprios productores, fiscalizadas e controladas pelo Estado, podem receber deste favores que, feitos directamente a particulares, seriam injustificaveis e sem alcance de ordem geral. Pôde o Estado servir-se dellas para actuações que não poderia exercer directamente e que, todavia, têm de ser exercidas. Sua collaboração, é indispensavel. Os governos têm de fazer como os proprios agricultores: gastar sementes, para ter safras. Nas

organizações agricolas incipientes, cabe-lhes ajudar com o capital auxiliar sendo que em muitos paizes preferem precipitar as coisas, regando essas organizações até com o capital de consumo.

Irremediavelmente prosaicos, partidarios dos processos gradativos, das edificações que se alteiam aos poucos sobre o terreno firme das sedimentações da experiencia, imaginamos preferivel que o Estado apenas ajude com o capital auxiliar, sem instalar novos aparelhos custosos que, para se collocar em condições de funcionar, consomem, elles mesmos, boa parte do numerario destinado à lavoura. Se uma das características do credito agricola, são o aluguel barato do dinheiro e o juro baixo, o órgão distribuidor desse credito deve ser de custeio modesto, sem directrizes optimamente remuneradas, sem funcionalismo numeroso, sem edificios de manutenção pesada.

Antes, porém, de passar às características do credito agricola e esboçar algum plano realizavel no momento, insistamos no ponto a que fomos conduzidos de illação em illação: o interesse que existe para os governos, de gastar com a organização agraria, mesmo e sobretudo nos momentos de aperturas financeiras e economicas. A prosperidade do Estado e, portanto, a folgança do Theouro, só são possiveis se decorrerem da prosperidade geral. Ora, a organização agraria cooperativa crêa ou augmenta a prosperidade geral dos paizes agricolas, daquelles paizes onde a maioria da população vive nos campos (no Brasil, 75 % da população é camponesa). Como crear prosperidade agricola? Valorizando as pequenas actividades do grande numero de incolas modestos, já que não é possível transformal-os em grandes productores; creando ou fomentando as industrias agrarias subsidiarias, aperfeiçoando a produção. Mostremos, por exemplo, o quanto augmenta a prosperidade geral agraria (e, em consequencia, a do Estado) pelo aperfeiçoamento da produção, que loge — esse aperfeiçoamento — ao alcance do productor isolado, não organizado. Associações de controle

irlandezas conseguiram dados muito eloquentes sobre as immensas possibilidades de, pela organização, melhorar o rendimento da produção pastoril. Tomemos os resultados registrados por seis dessas associações:

Estabelecamos as premissas.

1.^a — O criador cujas vaccas produzem leite durante 298 dias do anno e lhe fornecem leite e manteiga na proporção de 10.857 e 388 libras por dez cabeças será muito mais prospero do que o criador cujas vaccas lhe dão a mesma despesa e só produzem leite durante 198 dias do anno, na proporção de 2.916 e 109 libras de leite e manteiga, por dez cabeças.

2.^a — O exemplo citado pôde generalizar-se a todos os generos de exploração rural, quanto às actividades pastoris e quanto às actividades agricolas, pois já foi controlado para diversos outros generos de actividades, na Irlanda ou em outros paizes.

3.^a — Nos paizes de natureza rude, como o Brasil, e nos que, como o Brasil, iniciaram suas actividades agrarias "a lá diable", em geral como o que havia de mais inversamente seleccionado, a tendencia natural é para a degeneração, quer quanto às especies animais, quer quanto às vegetaes. A rotina, que é a condição forçosa das actividades rurais não organizadas, não consegue manter o "statu quo" e só a technica — ou melhor dizendo, mais modernamente — só a sciencia agricola é capaz de elevar o nivel, de aperfeiçoar, para melhor rendimento e maiores lucros. Para a prosperidade, digamos logo.

4.^a — O Estado é mais prospero ou menos prospero segundo o grau da prosperidade geral. Esta decorre precipuamente da organização. A organização por excellencia da vida rural é a organização cooperativa.

Então, auxiliar a organização, financeira, é providencia tanto mais sãbia quanto maiores forem as necessidades do Estado.

II — Como praticar o credito

Estamos ventilando um caso concreto, aquelle que interessa directa e immediatamente ao Departamento de

Assistencia ao Cooperativismo, na sua agradável tarefa de promover o fomento da organização das produções. Em vez de doutrinários, em vez de apresentar planos geraes, façamos coisa applicada, tendo em vista o meio a que se destina.

Inicialmente, diga-se que o credito mercantil não é applicavel ao caso. Dando grandes margens, e podendo, às vezes, fugir à ethica, as especulações commerciaes supportam o regime do prazo curto e do juro alto. As actividades mercantis não têm phases distintas de despesa e receita: movimentam-se em successão permanente de realizações de activo e passivo. Nas actividades agrarias dá-se o contrario: o productor pouco ou quasi nada apura de activo na phase em que é obrigado a realizar as mais pesadas parcelas do passivo; e de suas actividades não decorrem margens notaveis, devendo o bem estar, mesmo dos mais prosperos, ser levado à conta de hereditariedade na profissão, à longa sedimentação de pequenos lucros e pequenas bemfeitorias processada pacientemente em gerações successivas. Dahi decorre a primeira característica do credito agricola: prazo longo e juro baixo, sendo o prazo determinado pelo genero de cultura, porquanto é sobretudo no inicio della que o productor necessita de numerario, e é somente depois da colheita que pôde pagar. Considere-se, aliás, que por meio do credito se procura resolver problema mais social do que propriamente economico, não sendo possível instaurar-se tal problema e estudado sob aspecto nitidamente bancario. Pela circunstancia já exposta (determinante do prazo e da taxa, pouco interessantes do ponto de vista meramente bancario), e mais por esta, que encerra outra característica do credito agricola praticado por via do cooperativismo (e a organização cooperativa constitue o mais seguro meio de praticar-se com eficiencia o credito agricola): sendo as cooperativas associações de pessoas (em geral de poucas pessoas) e não de capitais, constituindo-se ellas da somma das pequenas economias ou da união de esforços de numerosos productores

modestos, não têm garantias reaes a apresentar. Ao Banco do Estado têm sido encaminhados pelo Departamento de Assistencia ao Cooperativismo varios pedidos de financiamentos que, apesar da manifesta boa vontade dos directores daquelle estabelecimento, não podem ser attendidos, por causa dos estatutos, que exigem garantias reaes. Repetindo que estamos ventilando um caso concreto — o caso de São Paulo — podemos anticipar na solução do problema do credito agricola, praticado por via do cooperativismo, a falta de garantias reaes não constituirá obstaculo, dada a faculdade de substituirem-se essas garantias, isto é: de, apesar da falta dellas, ficar o estabelecimento bancario inteiramente garantido, a seguro de qualquer risco. Por lei, o Departamento de Assistencia ao Cooperativismo tem o direito de controlar o funcionamento e a administração das cooperativas; tem o dever de examinar-lhes permanentemente a escripta. E esse direito é exercido de tal modo, de tal modo é cumprido esse dever, que o Departamento pôde, em um minuto, dar informações como estas: qual foi a ultima pessoa que entrou para tal ou tal cooperativa; ou a ultima que sahio; qual o estado de qualquer parcella do balancete do mez anterior; etc., etc. Assim, o Estado, que, por meio do banco official ou officioso, empresta às cooperativas, por meio do Departamento controla e fiscaliza a applicação do dinheiro emprestado. Quando do banco sahe dinheiro para uma cooperativa, a situação desta já foi bem estudada, não mediante informações colhidas depois de apresentada a proposta, mas desde a sua formação; e por esse dinheiro ficam velando duas entidades: o proprio banco e o Departamento. Não é uma garantia real, na accepção bancaria; mas, realmente, garante.

Dizendo que o credito mercantil não é applicavel ao caso, nem por isso desejamos complicar o problema, apresental-o dentro de circumstancias especialissimas, exigidoras de soluções tambem especialissimas. Ao contrario — e sem infidelidade aos interesses do cooperativismo — vamos

simplifical-o o mais possível. Na phase actual da organização rural paulista não é necessario criar-se um banco especialmente para exercer o credito agricola. Para as cooperativas entram productores que já são proprietarios; por outro lado, visamos de modo especial o reerguimento de zonas velhas, cujas terras já são possuidas pelos que hoje nada têm a fazer nellas e aos quaes se cuida, exactamente, de dar elementos para exploral-as. Portanto, não é indispensavel o credito fundiario, logo de inicio. Nem mesmo o credito intermedio, para investimentos. Primeiro, porque a bem dizer quasi não haverá investimentos. Depois, porque o cooperativismo tem uma parte essencialmente educativa, enquanto o credito tem uma altamente deseducativa. Muita facilidade de credito arruina mais do que a falta absoluta delle.

Então, deixemos de lado, para o momento — momento de aperturas — as soluções de imponente banco de credito rural, porquanto pôde bem ser que, pelas aperturas, não se funde tão cedo ou que, fundado, não se installe. De resto, as soluções ideaes em descompasso com as possibilidades de execução trazem estes inconvenientes: a protelação; o risco do desvirtuamento immediato ou gradativo; e o perigo de se perder mesmo o recurso de clamar por solução, visto como, embora as coisas continuem como dantes, cada vez que se clama se ouve a resposta: "já está resolvido". Acreditamos que o melhor é sermos incompletos e prosaicos, mas fazermos logo alguma coisa, que valha como ponto de partida, como experiencia, alguma coisa possível de realizar-se nas presentes condições de aperturas e difficuldades.

O credito do exercicio já seria grande passo no sentido da solução do problema. Credito para ligação do productor ao consumidor; para manipulação e transformação dos productos; para aquisição de machinas e materias chemicas; para adiantamentos sobre safra pendente; para emprestimos às associações agrarias; para compras de artigos necessarios ao uso e consumo dos associados.

Reconhecemos que é um modo bem pouco brilhante de apresentar-se assumpto fornecedor de tanta literatura exhaustiva. Porém, talvez seja o meio verdadeiro de começar a resolvê-lo. Numa segunda etapa, se procurará ser mais grandiloquente e grandioso. Este pouco que se propõe, é consequível. A distribuição do credito de exercicio por via das orgânicidade e de segurança absoluta. E' zações cooperativas é de grande fa-classico que, na organização do credito agricola, o problema principal consista em codenar convenientemente as duas necessidades fundamentais: perfeito conhecimento de cada um dos agricultores e do ambiente em que operam; e o quantum sufficiente ás actividades de cada um, de modo a não se emprestar de menos (porque a deficiência do financiamento poderia sacrificar totalmente os resultados, deixando o beneficiário em condições de não poder solvar o compromisso), ou a não se emprestar de mais, para evitar-se a parte deseducativa do credito e a má distribuição do numerario possível de agricultores. Dahi resulta que o credito agricola tem de organizar-se de modo centrífugo: um órgão central, controlando e abastecendo órgãos regionaes; órgãos regionaes, controlando e abastecendo associações locais; associações locais controlando e abastecendo seus associados individuos.

Como se vê, é necessario criar primeiro os órgãos, e criar depois o credito agricola. O governo dictatorial criou o credito, a ser applicado por órgãos especialissimos, mas inexistentes e impossiveis de improvisar-se.

Por isso, o Banco Rural ficou no papel. Da maneira simples e mesmo simplista, como ora apresentamos o problema, elle já é soluvel em São Paulo, porque os órgãos já existem, baseados na doutrina pura que a experiencia consagrou no mundo inteiro. Aqui, sentimos necessidade de apresental-os centripetamente. O cooperativismo paulista já possui cooperativas de produção agricola em numero positivamente apreciavel, de modo o servirem de órgãos distributivos junto aos associados individuos. Já possui bancos e caixas regionaes em numero mais ou menos apreciavel, para abastecimento de credito a sociedades cooperativas de produção agricola. E, na Capital, o Departamento de Assistencia ao Cooperativismo, com poderes legaes para controlar e fiscalizar permanentemente essas cooperativas e esses bancos e caixas. Lastimavelmente, o Departamento nunca teve oportunidade de demonstrar o quanto vive dentro das cooperativas, o quanto as conhece nos minimos pormenores, parcella por parcella da sua escripta, lançamento por lançamento de seus negocios. Considerando que as cooperativas são sociedades de pessoas e não de capitães, não pôde deixar de promover verdadeiro exame vestibular dos candidatos e directores. Por sua vez, as directorias das cooperativas controlam os associados com a mesma segurança com que o Departamento as controla a ellas. A legislação cooperativa estadual, supletiva da legislação federal, faz com que não seja mais possível a existencia de "cooperativas" sem cooperativistas e sem cooperativismo.

Resta a parte relativa ao coração desse systema circulatorio: o órgão central. Na solução simplista, apresentada, o órgão central seria uma carteira de credito agricola, criada no Banco do Estado, para funcionar coordenadamente com o Departamento — órgão controlador das sociedades cooperativas. Carteira destinada a redescotar titulos dos bancos e caixas de credito cooperativo que, de accordo com a lei estadual, "realizarem mais de dois terços de suas operações de credito activo, com agricultores domiciliados no Estado ou com outras cooperativas": a financiar esses bancos e caixas, ou as cooperativas centraes e federaes. Considerando-se sempre a necessidade imprescindivel do juro baixo e do prazo longo, e a impossibilidade, na maioria dos casos, de se apresentarem garantias reaes nas mesmas proporções exigidas em operações mercantis ou hypothecas. Ha por ali muito fundo especial estagnado, possível de transferir-se para essa carteira de credito agricola, afim de tornar possível acabar-se com a estagnação da vida rural.

Criada, para tal effeito e para funcionar de tal modo, a carteira agricola do Banco do Estado, é certo que não poderemos dizer esteja resolvido em São Paulo o problema do credito agricola. Mas, não é menos certo que não se poderá continuar dizendo que permanece á margem problema tão fundamental e relevante. Estará dado, no terreno da pratica, o primeiro passo, talvez decisivo, para a solução total em momento mais propicio ás actuações em grande estylo.

ATELIER DE GRAVURAS

SILVA

&

BARRETO

GRAVADORES

43, AVENIDA GOMES FREIRE, 43
TELEPHONE 22-6894

RIO DE JANEIRO

Às Semanas da Sociedade Nacional de Agricultura

Sessão de 29-12-934

Com grande concurrencia, realizou-se a sessão semanal da Sociedade Nacional de Agricultura. O Sr. Arthur Torres Filho, 1.º vice-Presidente em exercicio, abre os trabalhos e manda proceder à leitura do expediente, de que destacamos: carta do Dr. Luiz Freire, agradecendo a actuação da Sociedade em favor da lavoura coqueirista do paiz, com a approvação, pelo Conselho Federal do Commercio Exterior, de medidas alli levadas pela Sociedade, e finalmente acceitas e approvadas; officio da Comissão Pró-levantamento da viti-vinicultura em Pelotas, communicando a sua installação e dizendo da sua actividade. O Sr. Torres Filho agradece e diz que opportunamente irá tratar desse assumpto das culturas do sul; officio da Prefeitura de Tabapuan, no Estado de S. Paulo, dirigindo à Sociedade varias consultas, inclusive sobre o reflorestamento. O Sr. Torres Filho pede ao Sr. Virginio Campello que habilite a Sociedade a responder; officios das municipalidades de Avanhanda, Mirasol e Guahira, pedindo inscripção como associadas da Sociedade; foram approvadas, assim como outras propostas de novos socios.

O Sr. Torres Filho tem em mãos um programma da "Primeira Semana Feminina", da Escola de Agricultura e Veterinaria de Viçosa, acontecimento que reputa muito grato à vida agricola do paiz, e que é mais uma demonstração frizante da orientação pedagogica do Director Bello Lisboa. Justamente num periodo de repouso da Escola, e attendendo à solicitação das senhoras mineiras, em abaixo assignado, contemplou-as com a "Semana Feminina". Aliás, a Escola de Viçosa caracteriza-se justamente por essa feição de ensino que atinge a todas as camadas. A "Semana Feminina", de accordo com o programma, abrangerá 32 cursos agricolas, 17 domesticos e hygienicos e 15 conferencias educacionais e sociaes. E' essa — diz o Sr. Torres Filho — uma noticia gratissima, porque, pela mesma se verifica que o nosso meio agricola não é tão infenso às normas avançadas, e a psychologia do nosso povo é por ellas muito assimilavel, dependendo apenas de boa orientação. O exito do programma do Dr. Bello Lisboa em Viçosa abra novos horizontes ao ensino agricola, sem pretensões academicas, tendo repercussão altamente promissora não só os lavradores e o elemento feminino se beneficiam do seu ensino, mas, até, os parlamentares brasileiros, que alli foram reconhecer de visu a excellente orientação que está tendo a Escola.

O Sr. Virginio Campello pede que a Sociedade agradeça ao "Jornal do Comercio" a acolhida com que tem

sido alli recebido o seu trabalho sobre a cellulose e respectiva industrialização no paiz.

O Sr. Torres Filho diz que a proposta está naturalmente approvada, pois é otoriã a boa vontade desse organ para com todos os trabalhos da Sociedade, contribuindo, decisivamente, para a diffusão de conhecimentos.

O Sr. Otto Frensel lê uma carta que recebeu da Alemanha, sobre as difficuldades das trocas entre esse paiz e os Estados Unidos, bem como das experiencias alli feitas com o Algodão brasileiro, e que resultaram plenamente satisfactorias. Acha que ha possibilidade de grandes negocios com essa materia prima, sendo que o missivista, industrial na Rhenania, representa uma zona industrial relativamente pequena, mas que consome cerca de 40,000 fardos de algodão por anno.

O Sr. Joaquim Bertino diz que, em companhia dos Srs. Murtinho Braga, Virginio Campello e Ascendino Nunes, examinou a machina de quebrar babassu, inventada pelo Sr. Casaroto. E' uma iniciativa que merece incentivo, mas entende que as experiencias devam ser feitas de modo pratico, podendo, para tanto, o Governo adquirir um exemplar e, com elle, realizar na zona de producção as provas indispensaveis à avaliçao da sua efficiencia.

O Sr. Torres Filho diz que no programma que a Sociedade vem desenvolvendo incluiu, com destaque, o problema da industrialização das fibras nacionais. E', diz, um imperativo da nossa economia o aproveitamento da grande quantidade de fibras do paiz. Numerosas iniciativas, dispersas, marcam aqui e alli essa preocupação constante dos particulares e dos governos, sem objectivo assegurado e, por isso mesmo, até aqui, sem significação economica. Essas tentativas ainda não autorizam a incluir as nossas fibras na economia agricola do paiz, se bem que não só o nosso mercado, mas mercados estrangeiros, como o americano, poderiam absorver grande parte da producção. Recentemente, teve a Sociedade occasião de conhecer, de perto a situação das nossas fibras atravez a palavra autorizada do Sr. Dr. José Maria Fernandes e, mais recentemente ainda, pelas informações que a respeito dessa industria lhe trouxe o Sr. José Candido de Moraes, de Pernambuco, onde já se inicia com promissores resultados uma industria tendo por base o caroá.

Por isso mesmo, achava muito opportuno ouvir-se a palavra do Dr. Amaro Silva, estudioso do assumpto e que, de passagem pelo Rio, vindo do Pará, poderia orientar a no que diz respeito às fibras naquella Estado, de onde, momentaneamente, e em virtude de difficuldades na importação de juta, se exportou para os mercados de S. Paulo a *uacima*. Por defeitos de classificação, voltando à normalidade os mercados externos, foi abandonado aquél-

manal da Sociedade Nacional de Agricultura.

Presidiu os trabalhos o Sr. Arthur Torres Filho, que fez ler, pelo Sr. Arruda Camara, 1.^o Secretário, o volumoso expediente, de que destacamos: carta do Sr. Ildefonso Simões Lopes, Presidente effectivo da Sociedade, concebida nos seguintes termos: — "Meu caro Dr. Torres — Recebi a sua comunicação de que havia sido reeleito Presidente da nossa Sociedade. Conforme lhe disse, e a outrem não desejava eu continuar nesse honroso posto sem que pudesse effectivamente desempenhá-lo. Curvo-me, porém, ao reiterado appello dos velhos e bons amigos dessa prestigiosa Casa, que admiro e estimo. E o faço, exclusivamente porque conto que na suprema direcção continue a sua já grande obra o integro, competente e devotado consocio Dr. Arthur Torres, que, com tanto brilho e firmeza tem norteado nestes mãos dias a sua vida. Não poderei, ainda uma vez, assumir a presidência effectiva, mas, solidario com esse preclaro companheiro, manter-me-ei na reserva mas sempre prompto a attender, quanto possível, aos reclamos desse prestimoso instituto, para que atinja as suas patrioticas finalidades. Peço o obsequio de agradecer, em meu nome, essa carinhosa homenagem e, com os melhores votos de boas festas, aceite e transmita um abraço do menor amo, e admo. Simões Lopes". O Sr. Torres Filho congratulou-se com a Sociedade pela acquiescencia do Sr. Simões Lopes em aceitar a presidência, e está certo de que continuará a dispensar-lhe toda a sua collaboração; officio do Director Executivo do Conselho Federal do Commercio Exterior, transmittindo o parecer da Comissão de Tarifas e Transportes daquelle Conselho, e aprovado em reunião plenaria de 7 do corrente, a proposito da solicitação que a Sociedade lhe fez, sobre a tarifa dos oleos e productos oleaginosos nas companhias de navegação, attendendo a um appello que recebera de representantes de Estados do Norte no Congresso, por intermedio do sr. Deputado Teixeira Leite — O parecer a que se refere a comunicação do Director Executivo, está concebido nos seguintes termos: — "A Sociedade Nacional de Agricultura encaminhou ao Conselho Federal do Commercio Exterior o appello recebido de industriaes do Norte do paiz para que o Conselho se interessasse perante as companhias de navegação afim de que esta mantivessem o frete que vigorava para os oleos vegetaes. Allegam essas industriaes que esta industria estava atravessando um periodo de crise e, agora, com o restabelecimento da tarifa de 1929, que acarreta uma majoração de 40% no frete, soffre a industria do oleo um golpe de morte. Julgo muito razoavel que o Conselho manifeste, perante as companhias de navegação e cabotagem, a sympathia com que veria uma revisão no frete de oleos vegetaes de modo a attender aos justos reclamos dessa industria. Devemos notar, porém, que estamos em frente de um dos muitos casos que estão exigindo uma solução urgente para o problema da marinha nacional. Se esta elevou os fretes, isto é, fez cessar os abatimentos que vinha mantendo, em relação

à tabelal organizada em 1929, é porque tambem chegou a sua situação deficitaria que não pôde permanecer. Assim, opino para que se officie ás companhias de navegação nacional chamando a attenção para as necessidades da industria de oleos do norte do paiz, e, ao mesmo tempo, deixo focalizada, mais uma vez, como é premente resolver-se a questão da nossa cabotagem. AA) — R. de Araujo Maia, Relator — Arthur Torres Filho, Arthur de Carvalho, Lenhoff de Britto". — Este parecer será encaminhado aos interessados. — Officio do Dr. Rodolpho de Frontin Hess, Presidente da Associação dos Productores de Leite do Districto Federal, congratulando-se com a Sociedade por ter sido incluído, na sua direcção technica, o Sr. Otto Frensel, 1.^o Secretário daquelle Associação. O Sr. Torres Filho diz que, a assembléa, elegendo-o, nada mais fez senão render uma justa homenagem aos notaveis conhecimentos do Sr. Frensel em materia de lacticínios, e certa de que, agora, mais do que nunca, poderá contar com sua collaboração no assumpto, que a Sociedade, consciente da sua importancia, incluiu sempre na primeira plana das suas cogitações. — Carta do Sr. Julio Cesar Lutterbach, a respeito da convocação, nesta Capital, de uma grande reunião de productores de leite, conforme suggestão anterior. O Sr. Torres Filho incumbiu o Dr. Paulo Cavalcanti de elaborar as bases dessa reunião. Findo o expediente, o Sr. Torres Filho pede a attenção da casa para um projecto, da autoria do Deputado Edgard Teixeira Leite, pelo qual fica o Governo autorizado a auxiliar os cursos praticos para os agricultores adultos e trabalhadores ruraes, ministrados pelas escolas de agricultura. E', diz o Sr. Torres Filho, um dos resultados da recente visita de parlamentares à Escola de Viçosa. Vê-se que a iniciativa dessa visita é proveitosa, fazendo com que os nossos homens de governo tivessem um conhecimento mais directo dos nossos problemas de ensino agricola e, tambem, uma prova do exito que estão alcançando, sob a direcção intelligente do Dr. Bello Lisboa, os cursos daquellel natureza em boa hora instituidos, e destinados á formação de uma mentalidade agricola moldada nas praticas modernas e racionais de cultivo do solo. Com essas suas iniciativas, a Escola de Viçosa conseguiu, demais, provar que ao nosso agricultor não faltam condições de adaptabilidade, rehabilitando o agricultor mineiro da pécha de rotineiro, elle se adaptou a ponto de despertar, em outras classes, o mesmo desejo de aperfeiçoamento, como é o caso da solicitação, pelas senhoras mineiras, de serem contempladas tambem pela escola com uma "Semana Feminina", que se realizará brevemente. Congratula-se com a sociedade e com o sr. Teixeira Leite e propõe, com approvação geral, que a Sociedade se manifeste ao Congresso apoiando a sabia medida do Sr. Teixeira Leite.

O Sr. Torres Filho, em seguida, dá a Casa uma noticia que considera auspiciosa: a nosa exportação de algodão em rama, nos 11 mezes de 1934, attingiu a cifra 391.847 toneladas, equivalente a £ 3.995.364. Ha, en-

tretanto, um ponto importantíssimo a considerar, é que esse surto não seja momentâneo, e não estejamos em face de um outro fracasso económico. E' que os americanos estão fazendo a valorização forçada do seu algodão, seguindo a nossa pratica em relação ao café. Embora tenhamos a nosso favor o comprimento da nossa fibra e outras qualidades preciosas exclusivas ao nosso algodão, isto não quer dizer que, melhoradas as condições de cambio, fiquemos impedidos de concorrer com os americanos, e percamos os mercados que agora se nos abrem. Precisamos, por isso mesmo, organizar devidamente a produção, de modo a coibir essas surpresas a que estamos naturalmente sujeitos em virtude das condições especiaes sobre que repousa a nossa economia.

O Sr. Torres Filho diz que vai dar a palavra ao Sr. Virgílio Campello, que vai dizer das suas impressões de uma visita feita ás installações e plantações da Companhia Melhoramentos de São Paulo, convidado que foi a realização na Sociedade, de um exhaustivo estudo a respeito da necessidade imperiosa da industrialização das nossas materias primas para o fabrico da cellulose.

Excusa-se de apresental-o, porque todos já conhecem a dedicação com que se dedicou ao estudo desse problema, que pôde ser considerado um dos mais urgentes do Brasil actual.

O Sr. Virgílio Campello descreve, então, minuciosamente, o que foi a sua visita ás importantes installações de Cayeiras, referindo-se de modo especial ás plantações de essencias com que essa Companhia, dentro de alguns annos, iniciará, em moldes mais largos, a industria da cellulose no paiz. E esse reflorestamento tem a seu favor a vantagem de ser feito quasi que exclusivamente com a nossa araucaria brasiliensis, que, de todos os pinhos escolhidos, foi o que apresentou mais satisfactorios resultados.

Refere-se de modo especial ás gentilezas de que foi alvo por parte dos directores da Empresa, considerando-a um exemplo no Brasil e uma escola para os que se queiram dedicar ao estudo de tão palpitantes assumptos.

Termina a sua conferencia que, por extensa, será publicada á parte com as seguintes conclusões:

1º — A Companhia de Melhoramentos de S. Paulo com sua cultura florestal veio provar a excellencia do reflorestamento com uma especie como é o nosso pinho brasileiro.

2º — O tempo de crescimento muito curto, em referência ao aproveitamento industrial para cellulose, vem chamar a attenção para o lado lucrativo da industria.

3º — O rendimento por hectare ficará muito augmentado favorecendo as condições de phyto-sociologia ou em formações cerradas.

4º Fica provado, que não será só em Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul que se poderá fazer

a plantação e industrialização do pinheiro para cellulose, mas, tambem, em S. Paulo.

5º — Com essa cultura, feita debaixo de sacrificios pecuniarios enormes, em terras cançadas, quasi estereis, que poderiam ser vendidas ha muito tempo por um preço maior que o Capital da Companhia, Cayeiras, representando um exemplo, uma escola onde muitos irão aprender e imitar, pode ser considerada um patrimonio nacional.

6º — A Companhia Melhoramentos de S. Paulo apresentando ao commercio papeis finos em maior volume, está de accordo com o normal em paizes adiantados cuja percentagem em papeis grosseiros é 17% somente.

7º — Na Secção da Lapa ou do estabelecimento graphico são feitos os cadernos escolares, livros de ensinamentos ás crianças, que se espalham pelo Brasil inteiro e que será preciso dar um cunho de atracção e de arte que, devido ao preço baixo, pelo qual é vendido, só poderá ser feito a mando e a expensas do Governo para o povo.

Após a interessante palestra do Sr. Virgílio Campello, que foi muito applaudida, teve lugar a exhibição de um bem organizado filme mostrando as installações de Cayeiras, detendo-se na parte do reflorestamento.

O Sr. Torres Filho agradece a contribuição do Sr. Campello e declara que a Sociedade Nacional de Agricultura é particularmente grata á Companhia Melhoramentos de S. Paulo pela acolhida dispensada ao seu representante, ao mesmo tempo que louva, com effusão, a obra de patriotismo que está sendo organizada por essa organização particular, cujo espirito de iniciativa se patenteia, dessa forma, mais uma vez.

Um representante da Companhia, que se achava presente, em poucas palavras, agradece as referencias feitas á firma, sendo, em seguida, encerrados os trabalhos.

Sessão de 24-1-35

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho e com o comparecimento de crescido numero de interessados, realizou-se, na Sociedade Nacional de Agricultura, uma reunião para tratar especialmente da questão da exportação das nossas frutas para o estrangeiro.

Abrindo os trabalhos, fez o Sr. Torres Filho um ligeiro historico da actuação da Sociedade na questão fruticola, que é na instituição e de cujo incremento e exportação é a pioneira. Essa actuação se accentuou, nos ultimos annos, acompanhando, naturalmente, a evolução do respectivo commercio exportador, e com a finalidade de melhor oriental-o, seja para a manutenção dos mercados existentes, seja para a consecução de novos. Os cuidados de colheita, a embalagem, a apresentação, nos mercados consumidores e, bem assim, o consumo interno, mereceram, de 1930 para cá, da Sociedade, uma serie grande de providencias. E, portanto, se sente bem a Sociedade reunindo em seu seio os interessados nesa industria, para debater os assumptos a

ella referente e, na medida do possível, encaminhá-las a boa solução.

Mostra com precisão e clareza, a situação actual desse commercio, considerando de summa importancia a manutenção dos mercados actuaes, em vista dos embarços que se nos anteem, e que são do conhecimento de todos: o facto de não termos frota propria, e a concorrência não só de outros países produtores, como das proprias colonias dos países consumidores, que já entram nos mercados com apreciaveis partidas, tendentes a augmentar de volume.

O Sr. Jean Friedman suggera a criação de um Banco de Fructas, a exemplo do que ocorre em varios países da Europa, adeantando que um representante do Banco Portuguez do Brasil procurou-o nesse sentido disposto que está aquelle estabelecimento a auxiliar, por este meio, a expansão do nosso commercio de fructas.

O Sr. Torres Filho assignala a presença do representante da Sociedade Rural Brasileira, de S. Paulo, Dr. Marcello Pizze, e aproveita ensejo para tecer elogios aquella unidade da Federação, sempre prompta a colaborar e adoptar iniciativas avançadas no dominio agricola e industrial do país.

O Sr. Mendes de Almeida, além de outras oppor-tunidades considerações, entre as quaes a de que ha em nosso meio, a preocupação de nada se pretender fazer sem a intervenção official, declara que conhece o projecto que acabou de relatar o Sr. Jean Friedman e que, realmente, o Banco Portuguez do Brasil se propoz a realizar, com a cooperação immediata e directa de todos os interessados. Diz conhecê-lo desde o momento em que foi elle pela primeira vez levado ao conhecimento das nossas autoridades em 1932, tendo acompanhado todos os estudos preliminares que se fizeram. E textualmente: "E é assim que não hesito em affirmar que com o actual projecto a visão do futuro é a mais auspiciosa, porquanto, se o tornarmos uma realidade, o que não é difficil, teremos resolvidos os tres grandes problemas de commercio de fructas:

1º — o dos transportes rapidos, e technicamente appropriados ao genero perecivel a que se destinam;

2º — o da conservação da mercadoria em perfeito estado nos portos a que chegarem (os frigorificos);

3º — o da distribuição racional, das fructas pelos diferentes centros consumidores, ou, o que equivale dizer, a sua venda certa e segura e sem as surpresas da especulação a que está sujeita com o systema actual dos leilões forçados no caso de desembarque".

En carece a necessidade e as vantagens de uma frota especializada para o transporte de fructas, caso aliás que foi examinado nas suas possibilidades antes da apresentação do plano, referindo-se tambem aos outros factores decorrentes da organização do Banco de Fructas ou Departamento de Fructas, que, a seu ver, collocariam a produção fructicola numa situação de estabilidade pela certeza de uma distribuição compensadora nos mercados consumidores.

Voltando a fallar o Sr. Torres Filho diz que da exposição lida pelo Dr. Almeida verifica-se ter ella tocado um ponto de grande importancia que é a da intervenção do Estado. Acha que essa intervenção não seria de grande eficiencia, pois muito embora no momento a ideia seja a do estadismo, pensa que devemos nos orientar por um sentido de liberalismo, ainda mais porque nem sempre existe uma continuidade na funcção do poder publico. Acha que devemos fazer uma organização nos moldes indicados com que alcançaríamos resultados satisfactorios.

E, em seguida, dada a palavra ao Dr. Marcello Pizze, representante da Sociedade Rural Brasileira, que assim se manifesta a proposito da iniciativa em debate!

"A Sociedade Rural Brasileira, vem de alguns annos a esta parte acompanhando, com o maximo carinho, o desenvolvimento da lavoura e da exportação das fructas nacionaes, não pode deixar de apoiar, com a longa experiencia que lhe dá bastante autoridade para isso, um movimento tão sympathico, como o que concretiza esta reunião.

Conjugação de tão diversos esforços, que uma vez ligados, darão ao país a possibilidade de decuplicar e até simplificar a sua produção fructicola, bem merece o apoio de todos nós.

As organizações de fructicultores existentes em São Paulo, foram creadas á sombra da S.R.B., e, no mo-

Melhores Laranjas! Maiores Lucros!



Melhore a qualidade de suas laranjas, obtendo, assim, maiores lucros.

Cuide scientificamente do seu pomar pulverizando suas laranjeiras com CITROL, o insecticida moderno á base de óleo mineral refinado por processos especiaes

NÃO CORRÓE OS PULVERIZADORES

Para aquilatar do valor do CITROL, mande-nos o seu nome e endereço, afim de receber gratis, nosso livro que descreve e illustra com photographias nitidas os insectos e doenças que atacam as laranjeiras.

CITROL—Registrado em 23 de Agosto de 1934 sob o N. 1 no Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal do Ministerio da Agricultura.

Anglo-Mexican Petroleum Co. Ltd.

Rio de Janeiro

mento, algumas funcionam mesmo em sua sede social.

E' por isso que a S.R.B. sabe da necessidade que representa para o desenvolvimento da exportação brasileira de fructas, a criação de frigoríficos especializados, não só nos portos de exportação, como nos de distribuição na Europa.

Ella não ignora o que representa para isso a aquisição de uma frota de navios modernos e rapidos como consequencia da reunião, no Brasil de productos e exportadores, e, na Europa, dos distribuidores, que representaria tão conhecida, que acaba, por seu representem o consumo, a oferecer cada dia mais campo a ser preenchido.

Tudo isso, porém, não será possível transformar-se em realidade, sem o apoio de uma entidade respeitavel sobre todos os pontos de vista, como da instituição tante, de se collocar ao inteiro dispor dos interessados para o estudo e solução dos problemas que o caso envolve.

E sabendo que o Governo da Republica, pelos seus órgãos competentes, manifesta todo o seu apoio ás ideias concretizada do projecto apresentado pelo Sr. J. Friedman, como director que sou da S.R.B., posso garantir que a mesma se coloea igualmente á disposição dos interessados, para congregação dos esforços dos productores e exportadores paulistas".

O Sr. Torres Filho declara que o ponto de vista da Sociedade Rural Brasileira, de plena solidariedade á medida proposta, dá á iniciativa um grande prestigio moral, e se congratula com os interessados por esse facto

Volta a fallar o Dr. Mendes de Almeida que propõe a nomeação de uma comissão para se entender com os directores do Banco Portuguez do Brasil, cujo boa vontade é patente e pessoalmente já poudé aferir, em entendimento sobre o mesmo assumpto.

O Sr. Carlos Mello, fructicultor, diz que ha dous annos fez-se um requerimento pleiteando a criação de um frigorifico para fructas, que é como se sabe, de grande utilidade. Essa idéa foi levada ultimamente ao Conselho Federal do Commercio Exterior, mas, infelizmente, até agora não logrou exiro. Pele que seja novamente ventilado o assumpto.

Fala a seguir o Cel. Manoel Rios, Presidente da Cooperativa dos Fructicultores de Campo Grande. Acha que devemos cuidar de tudo quanto dida respeito á organização interna do problema para que possamos, então, cuidar do que se refira ao transporte para o exterior. Nessa occasião é que deve ser estudado o plano de organização de uma frota especial para o transporte de fructas. Lembra que os norte-americanos, apelar de todo o seu progresso, não têm até o presente organizado o transporte para o exterior.

O Sr. Presidente pondera que devemos cuidar da organização bancaria, conforme se vem fazendo. Não devemos, contudo, deixar de apreciar como convem, outros pontos do problema geral da fructicultura. Acha

que a ideia dos navios, é assumpto que poderá ser mais tarde resolvido.

O Sr. Sebastião Mattos diz que o que interessa no momento é o frigorifico, mas, como conseguir o Capital necessario? O productor está empenhado e as suas safras são vendidas por preços infimos. Urge resolver a questão. O primeiro ponto a alcançar é o credito agricola, o que não é difficil por ser o producto compensador.

O segundo ponto é a coordenação dos exportadores para evitar a actual desorganização do commercio de fructas e consequente desperdicio de energias individuais. O que acontece no momento é que pagamos 50% de fretes. Recentemente um exportador, de uma partida de laranjas feita para a Hollanda, recebeu a importancia de 700 e tantos florins quando a factura era de 2.300 florins.

O Sr. Torres Filho propõe então, a nomeação de uma comissão central de fructicultores, que procurará estudar as fazes que o problema geral apresenta podendo essa comissão se subdividir em sub-comissões.

Acceita a proposta, é pelo presidente, e com o consentimento geral, nomeada a seguinte comissão: Dr. H. Braggard, pelo Banco Portuguez do Brasil; Representante do Sindicato dos Exportadores de Fructas do Brasil; Dr. Manoel de Albuquerque Cavalcanti, pelos productores; Dr. Marcello Pizza, pela Sociedade Rural Brasileira, de São Paulo, e os Presidentes das cooperativas dos Fructicultores de Campo Grande a Associação de Fructicultores de Nova Iguassu; Dr. Altino de Azevedo Sodré, pela Sociedade Nacional de Agricultura e o Dr. J. Carlos de Mello.

O Sr. Torres Filho dá a palavra ao Sr. H. Braggard, representante do Banco Portuguez do Brasil, que expõe, em synthese, o plano de organização da exportação nacional de fructas, dizendo que:

"O Banco Portuguez do Brasil pretede por em execução um plano relativo á organização nacional da exportação de fructas, mas, para tanto, é indispensavel a condição "sine que non" que os fructicultores se congreguem em volta do Banco, isto é, necesasrio se torna que, desde já lhe confiem as suas operações bancarias, que o Banco Portuguez do Brasil examinará, com o maior carinho, dentro das suas possibilidades, desde que sejam apresentadas por firmas legalmente constituídas e mediante, é claro, as garantias usuas. Os pequenos productores deverão, por isso, juntar-se numia sociedade legalmente constituída que ofereça as garantias necesárias a concessão desse auxilios.

Constatado este esforço commum, o Banco Portuguez do Brasil abrirá uma secção technica que tratará, de accordo com os interessados, de obter a construção de vapores especiaes, rapidos com capacidade para o transporte de 80.000 volumes.

Para a obtenção destes vapores necesário se torna offerecer-se uma garantia de fretes ao preço do mercado

respectivo durante o tempo bastante á amortização do seu custo (mais ou menos 5 annos), dentro do qual os vapores poderão ser entregues a uma companhia de Navegação cerada pelo Banco e serão explorados pelos fructificadores sob a direcção e fiscalização dos estabelecimentos até a sua amortização integral pelos lucros da Companhia, de quem serão propriedade, depois de pagos, o que equivale a dizer que pertencerão aos interessados no commercio de fructas, em proporções, entretanto, a estabelecer.

A garantia dos fretes e, eventualmente, o aval, pode ser dada sem constrangimento em razão do volume da exportação para a Europa ser, já hoje, muito superior ao total transportado pelos vapores nas suas 8 viagens annuaes.

O Banco Portuguez do Brasil tratará, depois e pela mesma forma, de obter installações frigorificas, quer nesta cidade, quer na Europa, organizando simultaneamente uma sociedade que receba e se encarregue da distribuição das fructas naquella Continente.

E' este em linhas geraes o programma de acção da secção de Fructas que o Banco Portuguez do Brasil acaba de abrir, certo de que será bem julgado e coadjuvado, como merece, pelos interessados".

Após algumas considerações em torno da comunicação do Sr. Braggard, o Sr. Torres Filho dá a palavra ao representante dos vendedores, que applaude os projectos apresentados, mas, suggerindo o apoio efficiente da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Diz que a questão de nossas fructas depende em grande parte do comprador. Lembra que os actuaes meios de transporte dos pomares para os barracões de embalagem são muito deficientes, o que concorre para o amolecimento e deterioração do fructo. Já os apalhadores não têm o cuidado que é indispensavel e tambem a embalagem é imperfeita.

O Sr. Torres Filho declara que todo o esforço que d'elle dependa será empregado para o bem exito dos empreendimentos em vista. Por isso, registra com prazer as palavras de quantos veem de se manifestar e agradece o comparecimento de quantos collaboraram no bom resultado da reunião.

Não devemos, diz, esquecer que esta reunião marca apenas o começo dos nossos trabalhos. Os dois milhões de fructos que já conseguimos vender é um nonada se tivermos em vista as nossas possibilidades. Contudo, devemos ter cuidado com os nossos competidores. Devemos, egualmente, ter em conta que, os governos, em geral, vem estabelecendo limites ás importações.

Em seguida é levantada a sessão.

Sessão de 14-2-35

Com extraordinaria concurrencia, realizou-se hontem a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, quando ia serouvi da a palavra au-

torizada do Dr. Agesilau A. Bittencourt, sub-director do Instituto Biologico de São Paulo, sobre as condições technicas da laranja brasileira no mercado de Londres.

Além de membros do corpo director da Casa, notavam a presença dos representantes os Srs. Interventor no Districto Federal e Estado do Rio; do Sr. Ministro da Agricultura e de associações de classe interessadas no assumpto; commerciantes, exportadores e citricultores.

O Sr. Torres Filho, que presidia os trabalhos, ao abril-os, apresenta o conferencista, cuja palavra a Sociedade Nacional de Agricultura recebe como uma homenagem, por se tratar de um dos ornamentos da nossa sciencia agronomica. E', além de um especialista, um dedicado ás nossas questões agricolas, em toda a sua amplitude. Escusa-se de pormenorizar a sua actuação nesse sector de actividade, pois, na sua opinião, seria superfluo estar a repetir o que tem sido o seu trabalho proficuo a uma assembléa que bem conhece o labor do Dr. Agesilau Bittencourt.

O interesse em torno da sua palestra se justifica, portanto, não só por esse facto, mas pelas observações pessoas e recentes que vem de fazer de uma viagem á Europa e aos Estados Unidos, onde, mercê dos seus conhecimentos, pôde colher dados e informações que são de grande importancia para a nossa exportação de fructas — dignas de ser examinadas com attenção pelos citricultores e exportadores e pelos governos.

E' com prazer, portanto, que dá a palavra ao Sr. Agesilau Bittencourt, agradecendo a distincção conferida á Sociedade, escolhendo a sua tribuna para tão importante comunicação.

Logo ao iniciar a sua dissertação, salientou o orador que o estudo das condições de nossos productos citriculas abrange, de um lado o seu acondicionamento e, de outro, a fruta propriamente dita. E lembrou: para toda a mercadoria que procura uma clientela, tornada exigente pela concurrencia cada vez maior, entre diversos paizes productores, o problema da apresentação tem importancia capital: felizmente, essa verdade foi bem cedo comprehendida pelos nossos exportadores de laranjas. E, ás primeiras partidas, approximadamente em 1925, quando o acondicionamento era muita vez feito mesmo até em caixas de cebola, succederam exportadores de partidas cada vez melhor acondicionadas.

Na época actual — referiu o conferencista — se não pode ser considerado o melhor, o nosso producto, no que se refere a acondicionamento, pelo menos pode ser comparado aos de outros paizes considerados na vanguarda da agricultura mundial.

O nosso progresso, no entanto — considerou o orador — não se processou de maneira tão notavel, em relação á fruta propriamente dita, á sua belleza exterior, que requerem cuidados especiaes para com o pomar — cuidados que somente após alguns annos produzem effeitos apreciaveis.

Salientou, a seguir, que, para melhor lutarmos contra a concorrência de outros países exportadores de laranja, o melhor meio consiste, evidentemente, em procurar saber quaes os pontos em que taes países superam o nosso, na perfeição de seus productos. Esse objectivo, justamente — frizou o orador — foi o que levou a Londres para estudar as condições das nossas laranjas naquella mercado, principalmente em comparação ás fructas de procedencia hespanhola, sul-africana e americana.

Passou, depois, o conferencista a estudar o problema do acondicionamento, cujos menores detalhes não podem ser despresados, quando se procura conquistar um mercado. Assim, cumpre observar, com o maior rigor o tamanho e a forma da caixa, as madeiras empregadas em sua confecção, a collocação das suas fructas, o papel de embrulho, o pagamento.

E poz em relevo:

"Em poucos annos passamos da caixa de cebola ao tipo mais aperfeiçoado de caixa de exportação feita com a melhor madeira utilizada para este fim. Os elogios que ouvi em Londres sobre a nossa caixa não são suspeitos e attestão o progresso incontestavel realizado num prazo relativamente curto. Países que estão exportando ha muito mais tempo do que nós, como a Hespanha, ainda não uniformizaram os tipos de suas caixas e estão, em relação ao nosso país, em situação de inferioridade patente. Uma boa caixa deve preencher os seguintes fins: 1.º — defender as laranjas contra choques e attritos; 2.º — garantir uma boa ventilação interna, sem o que não se consegue boa conservação do producto; 3.º — conter o maximo de fructas no minimo espaço, compativel com os dois primeiros requisitos; 4.º — ser resistente; 5.º — ser leve; 6.º — ser attractiva. Essas exigencias são satisfactoriamente preenchidas pela caixa "standard" americana que adoptamos.

Pequenos pontos poderão ser facilmente corrigidos. Por exemplo, pregos fracos que perdem a cabeça, despregando-se ás vezes nossas caixas com facilidade. O papel de embrulho, sempre menos vistoso que o que os hespanhões empregam, é frequentemente de dimensões muito grandes, formando um chumaço nos vãos deixados entre as laranjas e prejudicando a ventilação.

De outro lado, parece uma grande vantagem o tamanho maior da caixa paulista, comparada com a de outras procedencias. Com esta caixa conseguimos collocar em Londres laranjas que difficilmente poderíamos vender, em razão de seu tamanho".

Proseguindo, logo a seguir, assim se referiu, a proposito das laranjas ainda não de todo sazoadas:

"Não é porém o acondicionamento que precisamos realizar os maiores progressos, já que este se aproxima, por sua perfeição aos de países exportadores tão adiantados quanto os Estados Unidos.

Muito mais importante é o melhoramento da fructa propriamente, que infelizmente ainda não alcançou o alto grau de perfeição da fructa da California.

Um dos maiores defeitos da laranja brasileira no inicio da estação é a cor verde que possui, mesmo quando já está bem madura e com bastante assucar. É isto proprio das alranjas produzidas nos países tropicaes. A laranja hespanhola possui o defeito contrario, pois muitas vezes apresenta-se com cor bonita quando está ainda acidissima. O consumidor europeu, por muito tempo acostumado com a fructa hespanhola que antigamente era a unica a ser vencida por lá, desconfia sempre de uma fructa verde e isto tem prejudicado enormemente a boa acceitação da nossa laranja.

Felizmente temos ao nosso alcance um excellent meio de remediar a este inconveniente, a coloração artificial em camaras fechadas onde se introduz o gaz thylenio. Graças a este processo, conseguimos exportar fructas que pela sua cor natural não poderiam sair do nosso país de accordo com os nossos regulamentos. A coloração artificial deve pois ser applicada systematicamente por todos os exportadores, pelo menos no inicio da Estação".

Passando a estudar outro defeito da nossa laranja — o das manchas que communmente apresenta — salientou:

As laranjas de exportação devem ser perfeitamente limpas. É bem conhecido o grau de belleza alcançado pelos americanos com suas maçãs. Hoje em qualquer canto do país conseguimos encontrar as bellissimas maçãs vermelhas que nos mandam dos Estados Unidos.

Os americanos realizaram com as laranjas o mesmo que fizeram com as maçãs. Os inglezes podem comprar em Londres maravilhosas laranjas da California, roliças e sem a menor mancha. Comparemos isto com o das fructas feias e manchadas das nossas feiras livres e seremos obrigados a confessar que muito nos resta ainda a fazer. É verdade que exportamos para Londres o que temos de melhor após uma escolha nas "casas das laranjas".

Deste modo conseguimos levar a Londres fructas que não são inferiores a de outros países exportadores, embora ainda muito longe da perfeição da laranja americana. Mas é verdade que somente com os tratos adequados do pomar e principalmente pelas pulverizações é que conseguiremos produzir em quantidade as fructas limpas para exportação. Estas pulverizações, que visam combater as pragas e doenças dos laranjaes estão hoje perfeitamente determinadas graças aos trabalhos do Instituto Biologico de São Paulo que em menos de 4 annos fez o estudo completo de todos esses males, procurando deste modo assistir o citricultor na defesa de sua lavoura. Muitos productores, porém, ainda não estão, realizando as pulverizações, sendo portanto necessario que as autoridades tornem obrigatorias estas operações, afim de garantir para as nossas exportações o grau de perfeição desejavel".

Referiu-se então á laranja pôdre. E affirmou:

"Mais, entretanto, do que as fructas verdes e manchadas tem contribuido para prejudicar o bom nome da laranja brasileira á alta percentagem de fructas pôdres

encontradas nas nossas partidas. Os prejuizos oriundos do apodrecimento de quantidade maior ou menor de fructas de uma caixa são agravados pela desconfiança estabelecida, pois o apodrecimento é uma coisa incerta, cuja importancia nunca é possível prever. O commerciante que adquire umas fructas sujas sabe exactamente o que está fazendo. Decorridos alguns dias, as fructas não estarão nem mais nem menos sujas do que no primeiro dia. Uma caixa com uma só fructa podre, no primeiro dia pode muito bem ter mais de 50 fructas nestas condições após um certo tempo. O comprador, quanto antes, deve procurar desfazer-se dessas mercadorias, vendendo-a por qualquer preço. Donde o retratamento de innumeros pequenos compradores que somente adquirem uma ou duas caixas de cada vez e que não podem arcar com os prejuizos oriundos da perda eventual de uma forte proporção das fructas de uma caixa. Estes pequenos compradores, que muitas vezes possuem unicamente para o seu commercio uma pequena carroça puxada a mão, são numerosissimos e constituem, portanto, uma freguezia importante que não deveriamos perder.

A podridão constitue, portanto, um serio problema que bem poderá ameaçar a nossa exportação de laranjas, se medidas energicas não forem tomadas para combatel-a. Entre as diversas modalidades da podridão, uma se destaca pela sua importancia e alta percentagem com que se apresenta nas partidas brasileiras. É a podridão peduncular, que se inicia junto do pedunculo e evolue rapidamente, transformando em pouco tempo a laranja em uma bola amolecida e escura. A podridão peduncular é produzida por fungos que se hospedam nos gallhos secos das laranjeiras. Estes devem ser podados rigorosamente todos os annos durante o periodo de repouso vegetativo do inverno. A podridão se desenvolve graças a humidade, conservada junto do botão peduncular, o que poderá ser evitado empregando-se secadores efficiente nas casas das laranjas e provocando a queda do botão nas fructas coloridas artificialmente. Finalmente, é preciso que o uso de vagões ventilados, proprios para o transporte de fructas seja adoptados por todas as estradas de ferro que devem tambem reduzir ao minimo a viagem das laranjas até o porto. É graças ao aquecimento e à falta de ventilação de vagões pouco apropriados que a podridão se desenvolve com tal intensidade nas laranjas brasileiras.

Ao concluir, disse o Dr. Agesilau Bittencourt:

"O progresso incontestavel da citricultura brasileira, observado em poucos annos, é devido aos esforços dos citricultores, amparados pelas sabias medidas das autoridades competentes. Este progresso não pode paralisar-se. Mais do que nunca, precisa da collaboração estreita e fecunda dos agricultores e dos poderes publicos".

O Dr. Agesilau Bittencourt é muito applaudido e o Sr. Torres Filho congratula-se com a classe agricola e com os technicos pela brilhante conferencia do illustre profissional, onde revela tão fielmente as interes-

santes observações de sua viagem à Europa e aos Estados Unidos, com uma visão perfeita applicada as nossas possibilidades.

O surto da nossa exportação de laranjas — diz — é mais uma demonstração das nossas capacidades de improvisação. A cultura dos citrus existia, era latente, mas apenas exportavamos pequena quantidade para a Argentina. A grande exportação para a Europa veio repentinamente. Aliás, na nossa historia economica existem outros casos iguaes ao da laranja, como as carnes e o algodão.

Precisamos, entretanto, da organização economica da produção, ao lado das conquistas de ordem technica, de grande importancia e que, como se vê, estão sendo bem cuidadas.

Atravessamos um periodo em que todos os povos procuram bastar-se a si proprios, e, se temos vencido e estamos vencendo, embora relativamente, não quer isto dizer que deixamos para plano secundario a organização do nosso commercio interno e externo, porque os nossos concorrentes estão attentos e quasi e quasi todos dispõem de melhores condições financeiras e de mão de obra para triumphar. Haja visto o caso da Africa do Sul, no proprio terreno da produção citricola em que a Inglaterra para protegel-a, taxa a nossa laranja com um imposto, primeiro 10% *advalorem*, e depois, com uma taxa de 3 1/2 schillings por caixa, o que está favorecendo de muito o surto da produção naquella colonia. E, quando essa produção for mais volumosa, ninguém nos diz que a Inglaterra não venha a adoptar, para a laranja, o regimen das quotas, que nos limitem as exportações, somente destinadas a contrabalançar as possíveis altas que as suas fontes colonias de produção não possam supprir.

Portanto, é de opinião que devemos attentar para o mercado interno, não só no caso das laranjas, como de outros productos, pois é elle a base do metabolismo da economia do paiz. Devemos evitar, por todos os modos, os compartimentos estanques em que se constituem os Estados e até os municípios, como meio de facilitar a circulação e o consumo internos. A nossa produção, infelizmente, ainda se encontra numa phase que pode sem exaggero ser considerada colonial. Limitamo-nos a produzir e a entregar ao intermediario, embora devamos ser gratos aos capitaes, sobretudo inglezes, que nos favorecem a exportação e nos facultam a sua navegação para o escoamento dos nossos productos. Mas devemos estar alertas para essa luta que é inevitavel. Acha que, ao lado, de todas as judiciosas observações do Dr. Agesilau Bittencourt, devem figurar com destaque essas preocupações de natureza economica e commercial. Bem sabe que taes factos não passam despercebidos à administração do paiz mas devemos attentar para elle como problema equivalente em importancia a todos os progressos da ordem technica que precisamos sem demora adoptar para melhorar a nossa produção.

A Sociedade irá dar a mais ampla divulgação às observações do Dr. Agésilau Bittencourt, que deu um exemplo digno de ser imitado, tornando publicas suas observações. Agradece, por fim o Sr. Torres Filho o comparecimento das autoridades presentes e encerrar os trabalhos.

Sessão de 28-3-35

Com extraordinária concorrência realizou-se hontem a sessão publica semanal da Sociedade Nacional de Agricultura. Foram abertos os trabalhos pelo Sr. Arthur Torres Filho, que os presidiu. A reunião de hoje — declara S. S. — seria consagrada a viticultura nacional, pois iríamos ouvir, a respeito, a palavra autorizada do Sr. Manoel Mendes da Fonseca. Foi com grande satisfação que a Sociedade acolheu o desejo desse tecnico, de vir da sua tribuna dizer das condições actuaes da viticultura brasileira. E essa satisfação foi tanto maior quanto é certo que esta Sociedade é a pioneira do movimento da viticultura no paiz, tanto que, em 1898, realizou, sob os auspícios da Municipalidade, e no proprio edificio da Prefeitura, a Primeira Exposição de Uvas Nacionais. Animavam esse movimento os Drs. Moura Brasil, Campos da Paz e Luiz Pereira Barreto, como grandes batalhadores da viticultura nacional. Este ultimo, um dos grandes vultos da nacionalidade, com grandes serviços ao Brasil e sobretudo a São Paulo, achava que o Brasil precisava dar ao mundo uma prova de que o paiz era habitavel aos povos de qualquer raça. E, dahi, os seus esforços pela implantação da cultura da vinha entre nós, como prova de tal asserto. Datada hi esse momento. Hoje, como sabemos, constitue uma das nossas maiores riquezas, e, facto digno de nota, é o de que, enquanto a industria de vinho no mundo se debate em superprodução, a nossa ainda não dá para o consumo interno. Importamos cerca de 50.000 contos de vinhos estrangeiros annualmente, o que quer dizer que contamos ainda com um mercado de grandes perspectivas dentro do proprio paiz. Andou, portanto, muito acertadamente, o Serviço de Fructicultura do Ministerio da Agricultura avocando a si a tarefa de dispensar atenções á viticultura e á enologia, por isso que, só o Rio Grande do Sul, em 1932, viu a sua produção e exportação subirem a 36.890 toneladas, valendo 22 mil contos. E, ainda recentemente, na Exposição Viti-Vinicola de Jundiahy, assim se expressava, a respeito, o Prof. Jayme Rocha de Almeida: "A industrialização da uva, se ainda não é um elemento que pesa na balança economica, accentuadamente, ainda havemos de tê-la ao lado da cultura e exploração do café, como esteio da nossa economia, quicá para um futuro não muito distante".

Continuando, assevera o Sr. Torres Filho que a perspectiva que nos offerece a viticultura é digna de toda a atenção com futura fonte de riqueza para o paiz, com a vantagem ainda do aproveitamento das terras montanhosas, desde que se lhe proporcione elementos de vida,

e até porque o mercado interno ainda offerece larga margem de absorção da produção.

Emquanto essa é a situação que se nos depara, mostra a diversidade de condições actuaes nos paizes grandes productores de vinho, e lê, a proposito, algumas palavras do Sr. André Tardieu, por ocasião da inauguração da Conferencia Internacional do Vinho, de 1932: "Les deux causes classiques et permanentes, sur-production, seus-consommation, se retrouvent dans notre cas, comme dans tous les autres cas. Des pays nouveaux sont venus à la vigne: L'Australie, l'Amerique du Sud, notre Afrique du Nord, l'Union Sud-Africaine. En trente ans, la superficie a augmenté d'un peu plus de 500 hectares, et la production de 20 millions d'hecto litres".

Attente-se, portanto, termina o Sr. Torres Filho, para esta situação da viticultura mundial, e para as possibilidades que o Brasil pôde offerecer á exploração da vinha, por suas condições climatericas e agrológicas, podendo contar com o mercado interno, já consideravel e susceptível de augmento diante do proprio crescimento vegetativo da população. Lamentamos que a ausencia, por motivo de molestia, do illustre tecnico do Serviço de Fructicultura nos venha privar das suas observações e conselhos, certos de que, na proxima sessão, o teremos com esse mesmo objectivo na nossa tribuna.

E, em seguida, dá a palavra ao Sr. Wiggo Thisted, inventor do aparelho "Mata Saúva", que explica o respectivo funcionamento, mostrando o baixo custo por que poderá ser adquirido, e que não vai além de 20\$000.

O Sr. Sebastião de Mattos, Presidente do Syndicato de Fructicultores de Iguassú, e que esteve presente á reunião que tratou, na semana passada, da exportação de fructas, pede uma retificação ao que attribuido a si, foi publicado na resenha dos trabalhos.

Heuve — diz S.S. — equívoco no apanhado de meu discurso naquella sessão: o preço infimo a que me referi não é o da compra da laranja nos pomares e, sim, o resultado da exportação. As minhas palavras foram as seguintes: "A construção de um frigorifico apropriado para as fructas é uma necessidade premente. Mas, como conseguir o capital necessario? O productor não está em condições de realizal-o: o exportador tambem visto que mais de cincoenta por cento do producto da venda das fructas nos mercados europeus são consumidas nas despesas de frete, descarga, comissões, etc".

O Sr. Torres Filho aceita a retificação e dá a palavra ao Sr. Virgínio Campello, que, em nome da comissão designada pela Sociedade para dar parecer sobre o processo Ortiz, de conservação de fructas, vem adiantar alguns pormenores a respeito dessas experiencias.

Informa o Sr. V. Campello que foi pelos autores do processo, em seguida á sessão da Sociedade que tratou do caso, no Instituto de Technologia, os quaes lhe levaram uma grande quantidade de abacaxis para experientia, tambem em grande escala. Observa que essas experiencias estão naturalmente prejudicadas com o facto de

ter passado a época da safra, e os fructos destinados a estudo fogem muito ao typo de exportação, além de não terem conveniente embalagem e cuidados de colheita e transporte. Continuando, declara que 30 dessas caixas foram enviadas a Londres, em condições diversas de algumas que aqui ficaram, para controle. Daquelle mercado, ainda não foi recebida nenhuma comunicação positiva quanto ao estado em que alli chegaram as fructas, conquanto tenha sido recebido pela commissão um telegramma annunciando que viera carta minudente a respeito.

No dia 27 de Fevereiro, recebeu a commissão 100 novos fructos, que destinados a uma experiencia em Deodoro, para onde effectivamente foram o de onde voltaram, sujeitando-se ao transporte descuidado, ao Instituto de Tecnologia, material esse que a commissão aproveitou para uma serie de outras experiencias. Esses fructos contidos em seis caixas, além de outros distribuidos pelos technicos daquelle instituto, foram distribuidos: 2 para a camara ventilada, a 14 graus; 2 para a camara frigorifica a 3 graus e as restantes em camara ventilada. A 15 deste mez, completando o tempo que as fructas enviadas a Londres deviam ter alli chegado, foram abertas as vaixas da partida inicial, com resultado francamente negativo, de forma que a commissão resolveu cingir-se ás experiencias com as seis caixas referidas. As duas caixas que ficaram na camara ventilada apresentaram logo symptomas de deterioração. Depois de 17 dias, foram abertas mais duas caixas, as que se encontravam na camara frigorifica, a 13 e 15 graus e a percentagem de fructas estragadas foi, de 12, de 3 a 4. Nas caixas que ficaram a tres graus de temperatura, havendo disso attestado, em 12 havia apenas um francamente perdido, assim mesmo devido a um germe commum do abacaxi. Finalmente, a 25 foi aberta outra caixa, na qual foi encontrado um estragado, e, a 28, aberta a restante, em que se verificou estarem boas todas as fructas. Estamos agora, diz, apenas iniciando essas experiencias mas, pelos

resultados obtidos, está muito satisfeito, por considerar animadores os resultados obtidos. O Sr. Torres Filho, de accordo, diz que é ffora de duvida que o processo é muito interessante. E, em seguida, feita prova de paladar e todos os presentes se manifestam favoravelmente quanto ao sabor das fructas, que é conservado intacto pelo processo Ortiz. O Sr. Frederico Murtinho Braga faz referencia ao processo de immunização contra o "Thielovius paradoxa", ou podridão molle dos ingleses, iniciado pelo Dr. Felisberto de Campos em Deodoro, e cujos resultados desconhece. — O Sr. João Oliveira diz que notou, nos abacaxis submetidos á experiencia, a molestia decorrente dessa infestação, ao que o Sr. Murtinho Braga contesta, por isso que, em nenhuma das fructas apresentadas se nota o amolecimento da fructa, característico, e que se vê logo á primeira vista. O Sr. Virgínio Campello, retomando a palavra, lê a acta lavrada relativamente aos resultados obtidos com a experiencia do processo Ortiz, agradecendo, em nome da commissão, ás gentilezas com que foi cumulado pela Empresa de Armazens Frigorificos, que se collocou gratuitamente á disposição da commissão, não só para essa, mas para todas as experiencias de que dependa a frigorificação, e que a Sociedade queira realizar.

O Sr. Torres Filho diz que a Sociedade, accedendo em fazer experimentar o processo do Sr. Ortiz, quiz mais uma vez demonstrar o seu interesse pela fructicultura nacional, dentro do alto objectivo de servir á causa publica, e está satisfeito por verificar o espirito de sacrificio com que o Sr. Virgínio Campello, e os seus illustres collegas de commissão, se desempenharam da incumbencia. Não esconde a sua satisfação por ver que o processo, utilizando fructos inadequados, sem cuidados de colheita e embalagem deficiente, conseguiu conservar as fructas por vinte e nove dias, dando assim a esperanza de podermos ver essa fructa em mais larga escala na nossa exportação, o que tem sido muito difficil até agora sobretudo em face da sua propensão á facil deterioração.

ALVES FRAGA & CIA

FABRICANTES DE VASILHAMES PARA CONDUCÇÃO DE LEITE

Especialistas em artigos para Lavoura, Criação e Lactícinios. - Desnatadeiras, Salgadeiras, Batadeiras, Coalhos, Correias, Grampos, Oleos, Carrapalçadas. Vaccinas e soros para tratamento dos animais.

RUA FREI CANECA, 72 e 87

Telephone 22-9458

RIO DE JANEIRO

C. Postal 832

O Sr. Arruda Camara informa que os trabalhos de remodelação do Horto da Penha estão, felizmente, em franca execução, não só na parte relativa às construcções, que devem ficar concluidas dentro de cinco mezes, como, tambem, o da parte agricola, que por seu turno vae aos poucos sendo atacado. Assim, a par do augmento dos viveiros, para os quaes concorreu com excellentes porta enxertos de citrus o Serviço de Fructicultura, em boa hora confiada á competente direcção do Dr. Eduardo Claudio, já foi iniciada, em área apropriada, a installação de uma horta de character commercial, cujos trabalhos, relativamente adeantados, já podem ser vistos pelos interessados. E, assim, antecipando os trabalhos da futura Escola de Horticultura "Wenceslau Bello", já estão os terceiro-annistas da Escola Nacional de Agricultura recebendo alli as suas aulas praticas da cadeira de horticultura. Por outro lado, já agora, iniciados os trabalhos, tem sido procurado por chacareiros do Districto Federal, para iniciar, naquelle estabelecimento, os cursos rapidos destinados a horticultores. Estes, uma vez mais adiantados os trabalhos, poderão realizar-se mesmo antes da installação official da Escola. Serve-se o Sr. Arruda Camara do ensejo para pedir a consignação, em acta, do facto de ter sido, no Horto da Penha, coroado do mais completo exito, o processo de combate ao "bicho" das fructas, principalmente a de conde, consistente na installação de "apanha-moscas" no pomar. Foram adquiridos 75 desses objectos que, carregados com vinagre, fazem vultosa collecta de insectos, tendo verificado elevar-se, auspiciosamente, a percentagem de fructos sãos. Estas declarações — diz, interessam tambem ao Serviço de Vigilancia Sanitaria Vegetal, no momento representado, pois de um dos seus funcionarios, o Dr. J. D. de Medella e Silva, recebeu os conselhos que o levaram ao ensaio.

O Sr. Torres agradece a informação e diz que a Escola de Horticultura, com que a Sociedade brevemente dotará o paiz, é uma velha aspiração da casa, conseguida atravez as maiores difficuldades, felizmente compensadas pelos grandes beneficios que á lavoura serão trazidos por essa modalidade de ensino agricola especializado.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Os meios chimicos para a conservação das nossas frutas de exportação

A Sociedade Nacional de Agricultura, que sempre tem se interessado vivamente por tudo que se relacione com as nossas frutas, quer por novos mercados, quer, e principalmente, pelo seu transporte, que é a sua melhor garantia, assim como pela sua cultura, incentivando, agora, a campanha pelo transporte do abacaxi, além da competente palavra do Sr. Virginio Campello, tem recebido collaboração de todas as partes. O Representante da firma Wilhelm J. H. Hinrichs, de Hamburgo e Londres acaba de lhe enviar os seguintes estudos:

"Os meios chimicos de conservação, taes como acido borico, bensoe, acido salicilico, formaldeit, fluor, etc. de um lado, tem a desvantagem de prejudicar muitas vezes a saude humana, e do outro lado a de prejudicar o gosto da mercadoria.

Além disto os meios chimicos da conservação tem a propriedade de destruir a vida organica dos productos naturaes, terminando o processo organico vital das fructas ou dos ovos.

Os processos physicos, taes como a defumação, a frigorificação ou processo ultimamente experimentado pelo dioxido de carbono não podem ser comparados com o processo SK, em virtude de serem limitados a determinadas mercadorias ou climas, ou serem como o processo de frigorificação, serem de custeio e installações muito caras, encarecendo o preço da mercadoria de forma a tornar impossivel um trabalho economico, mermente numa epoca como a actual onde os preços baixos da quasi todas as mercadorias no mercado mundial exigem que o factor despeza a seja tão baixo quanto possivel.

A Lavoura

A redacção da revista receberá, com prazer, a collaboração de todos os socios, lavradores e criadores, constante de observações proprias a respeito de assumptos agro-pecuarios, inclusive acompanhada de photographias, e cuja divulgação seja julgada de interesse para a classe rural brasileira.

Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Por deliberação da mesma Assembléa, serão considerados SOCIOS REMIDOS, aquelles que, sendo socios quites, propuzerem 10 outros, e que estes tenham pago, pelo menos, a primeira annuidade.

Inscrevei o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA — Fundada em 16 de Janeiro de 1897.

E vos serão concedidas, dentre outras, as seguintes:

VANTAGENS

Recebimento de A LAVOURA, seu organ official, gratuitamente, bem como todas as demais publicações editadas ou distribuidas pela Sociedade.

Fornecimento, de plantas e sementes, vaccinas contra as molestias que atacam o gado, productos de veterinaria, material agrario, adubos, insecticidas, etc., pelo preço do custo.

Além disso,

como procuradora dos seus associados, encarrega-se, gratuitamente, do **Registro das Propriedades Agricolas** no Ministerio da Agricultura, acompanhando, ahi, como nas outras repartições federaes e municipaes todos os processos que lhes interessem.

Promove a analyse de terras, plantas, etc., sem onus algum para os seus socios.

Trata da obtenção de transporte gratuito para plantas, sementes, machinas agricolas, animaes de raça, etc., quando destinados a socios, cujas propriedades se encontrem registadas no Ministerios da Agricultura.

Responde ás consultas sobre assumptos agricolas, industriaes ou commerciaes.

Elabora projectos e orçamentos para construcções ruraes e de força hydraulica.

Incumbe-se da venda de cereaes e outros productos agricolas enviados pelos seus associados, sem cobrar comissão, aceitando-os, outrosim, em pagamento das contribuições sociaes.

Encarrega-se, ainda, tambem gratuitamente, do pagamento de impostos nas repartições federaes ou municipaes, do recebimento de juros de apolices, alugueis de casas, etc., nesta Capital.

Fornecer cotações e informes sobre mercados.

Serve de intermediaria, no tocante á compra e venda de propriedades ruraes.



HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras

Optimos Exemplares de plantas ornamentaes

Laranjeiras — Typo exportação

Mangueiras das melhores variedades

Remessas a domicilio — Frete Gratuito

Abatimento aos socios da S. N. de Agricultura

Solicite informações á:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 15 - Sobrado — Rio de Janeiro

